



ARAUTOS DO EVANGELHO

Associação Internacional de Direito Pontifício

Número 98
Fevereiro 2010



*Um banquete
para todos os povos*

Quando Ela apareceu a Bernadette, na Gruta de Massabielle, a Virgem Maria estabeleceu um diálogo entre o Céu e a terra, que se prolongou no tempo e que ainda hoje perdura. Maria pediu à jovem que as pessoas viessem aqui em procissão, como que para significar que este diálogo não se podia limitar às palavras, mas que devia traduzir-se num caminho com Ela, na peregrinação da fé, da esperança e do amor.

(Palavras do Venerável João Paulo II em Lourdes, antes da procissão noturna, 14/8/2004)

Imagem que preside a Gruta das Aparições - Lourdes (França)



QUE SOY
ERA
IMMACULADA CONCEPTION



Revista mensal dos
**ARAUTOS DO
EVANGELHO**

Associação privada internacional de
fiéis de direito pontifício

Ano IX, nº 98, Fevereiro 2010

ISSN 1982-3193

Diretor Responsável:

Pe. Pedro Paulo de Figueiredo, EP

Conselho de Redação:

Guy Gabriel de Ridder; Ir. Juliane Vasconcelos
A. Campos, EP; Luis Alberto Blanco
Cortés; M. Mariana Morazzani Arráiz, EP;
Severiano Antonio de Oliveira

Publicada por:

Associação Arautos do Evangelho do Brasil
CNPJ: 03.988.329/0001-09

Redação e Administração

Rua Bento Arruda, 89
02460-100 - São Paulo - SP

www.arautos.org.br - admrevista@arautos.org.br

SERVIÇO DE

ATENDIMENTO AO ASSINANTE:

(11) 2971-9050

(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:30H.)

Montagem:

Equipe de artes gráficas dos
Arautos do Evangelho

Impressão e acabamento:

Divisão Gráfica da Editora Abril S/A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4.400 - 02909-900 - SP

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde
que se indique a fonte e se envie cópia à Redação.

O conteúdo das matérias assinadas
é da responsabilidade dos respectivos autores.

Assinatura Anual:

Comum R\$ 98,90
Colaborador R\$ 150,00
Benfeitor R\$ 200,00
Patrocinador R\$ 300,00
Exemplar avulso R\$ 8,50

Assinatura por internet:
www.revista.arautos.org.br

SUMÁRIO

Escrevem os leitores 4

Um banquete para
todos os povos (Editorial) 5



A voz do Papa –
O verdadeiro teólogo



Beato Stefano Bellesini,
OSA - Sob a égide
do “Bom Conselho”

34



Comentário ao Evangelho –
Deus deve estar sempre
no centro



A palavra dos Pastores –
A santidade fez parte
de seu projeto de vida

38



A santidade do sacerdote,
à luz de São Tomás
de Aquino

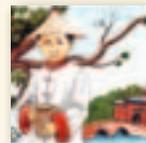


Aconteceu na Igreja e
no mundo

40



Arautos no mundo



História para crianças...
A flor da sinceridade

46



O Tesouro da oração -
A Maria,
Mãe de misericórdia



Os santos de
cada dia

48



Deus fala por meio
dos homens



Um exército para
depois da morte

50

ESCREVEM OS LEITORES



UMA ESPÉCIE DE EVANGELHO DE HOJE

Em primeiro lugar, desejo estender os meus parabéns à vossa Associação Internacional de Direito Pontifício pelo aprumo, vivência evangélica, testemunho peculiar e difusão do Evangelho a todos os cantos do mundo. Tudo em vós é sublime e divino, particularmente o brio, a paixão e a beleza que difundis em tudo o que fazeis: celebrações, encontros e escritos. Ímpares parabéns!

Em segundo lugar, desejo sublinhar a vossa revista *Arautos do Evangelho* pela alta qualidade, essência e evangelização que contém: fotografias, artigos e informação. Toda ela é uma espécie de Evangelho de hoje, comunicado com ardor, novos métodos e muita criatividade.

*Pe. Domingos Ferreira de Oliveira
Guimarães – Portugal*

DINA BÉLANGER: SURPRESA E ADMIRAÇÃO

Uma senhora pertencente ao Grupo de Formação Cristã, de responsabilidade das Religiosas de Jesus-Maria, aqui em Barcelona, entregou-me a revista *Arautos* nº 93, mostrando-me a página 32, na qual há um belo artigo sobre nossa religiosa canadense, a Beata Dina Bélanger, intitulado: *Jesus e eu somos um*. Podem imaginar minha surpresa e admiração, pois até aquele momento não conhecia a revista *Arautos do Evangelho*, nem a autora do artigo, embora seja eu a responsável pelo setor de propaganda da nossa Congregação.

Só depois da reunião foi-me possível ler a matéria, ficando impres-

sionada pela qualidade da mesma, embora me tenha parecido não se tratar da versão original, mas sim de uma tradução, por algumas expressões.

Ficar-lhes-ia muito grata se — além de me enviar pelo correio um exemplar, ou vários —, me fornecessem o endereço da autora desse artigo. Gostaria de entrar em contato com ela a fim de felicitá-la, perguntar-lhe o que a levou a escrever sobre essa matéria e oferecer-lhe outros documentos que possam ser de seu interesse.

Tomei a liberdade de enviar-lhes pelo correio uma tradução em espanhol da versão italiana do livro de Mons. Brunero Gherardini, *Tu, meu pequeno Eu*, publicada em 2009, por julgar que lhes possa interessar. Mande-lhes também a versão em espanhol de uma obra citada muitas vezes por ele: *Autobiografia e testemunhos*, cuja edição original em francês foi preparada por Dom Leôncio Crenier, OSB.

*María del Claustro Bonet, RJM
Religiosas de Jesus-Maria
Barcelona – Espanha*

UMA REVISTA COMPLETA

Dentre algumas revistas católicas às quais já tive acesso, esta é a mais completa, pois todos os assuntos nela tratados são tão importantes e interessantes, que fica até difícil dizer qual deles me chama mais a atenção.

Gosto muito das *Histórias para crianças ou adultos cheios de fé*, da vida dos Santos e dos comentários sobre o Evangelho. Seria muito bom que sempre divulgassem, na revista, os temas tratados nos Retiros e Congressos dos *Arautos*, para catequizar as pessoas que ainda não tomaram conhecimento desses tesou-

ros da Igreja e gostariam de conhecê-los!

*Denise Conrado Santos
Mogi das Cruzes – SP*

BELÍSSIMAS IMAGENS DE NOSSA MÃE SANTÍSSIMA

Quando chega às minhas mãos a revista *Arautos*, a primeira coisa que faço é admirar a capa e a contracapa, pois sempre vêm com belíssimas imagens de Nossa Mãe Santíssima. Em seguida, busco o *Comentário ao Evangelho*, que alimenta minha alma, e depois a *História para crianças*. Sempre me delicio, vivo o momento como se eu mesma fizesse parte da história. E ainda a compartilho com as pessoas com quem convivo e com as crianças na catequese.

Por exemplo, encantou-me a história de dois meninos que iam à igreja, onde conversavam com o Menino Jesus e dividiam com Ele seu almoço; e por fim pediram-Lhe para, algum dia, dividir com eles sua refeição, em sua casa. E o Menino Jesus lhes respondeu que logo estariam com Ele. Que sublime verdade!

*María Soledad Egüez Valdivieso
Quito – Equador*

PERMITE CONHECER O QUE AS OUTRAS ORDENS PENSAM

Gosto de ver as notícias do Santo Padre na revista, e com os comentários de Mons. João Scognamiglio Clá Dias sobre o Evangelho se aprende muito. Esta revista permite também conhecer outras Ordens e o que pensam. Como é fascinante a vida da Igreja Católica! Espero que continuem a nos falar dela e de seus santos. Obrigada por tão maravilhosa revista, pois o mundo está sedento do saber religioso!

*Margarete Calisto da Silva
São Paulo – SP*

UM BANQUETE PARA TODOS OS POVOS

Na Antiguidade, dentre todos os povos Deus escolheu um com o qual fez aliança, conforme prometeu a Abrão: “Farei de ti uma grande nação e te abençoarei: engrandecerei o teu nome, de modo que ele se torne uma bênção” (Gn 12, 2).

E em nossa era, Cristo, nosso Salvador atrai para Si todas as nações, formando um novo povo eleito — a Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana. Desta todos os homens são chamados a fazer parte, pois a vocação para a vida cristã, pelo Evangelho, é universal, sem exceção alguma.

Com efeito, na Santa Igreja se encontram, fraternal e harmonicamente, povos das mais variadas etnias, cada qual contribuindo com seus bons pendores, sua cultura e suas características próprias, tudo purificado e aperfeiçoado pelas águas do Batismo.

De modo materno ela aceita, acrisola e harmoniza temperamentos, leis e costumes. Assim, nos primeiros tempos, associou ela à cultura cristã contribuições judaicas, gregas, romanas, celtas e sírias. Séculos mais tarde, fez o mesmo com os aportes trazidos pelos bárbaros germânicos e eslavos. E com idêntica bondade acolhe hoje o que lhe vem dos ameríndios, africanos e asiáticos.

Por se basear em uma união de corações, fruto de um mesmo amor a Deus, é a Igreja a instituição mais própria para congregar pessoas de todas as origens e culturas numa autêntica unidade fraterna. Em seu seio todos se sentem em casa como filhos, “pois não há distinção entre judeu e grego, porque todos têm um mesmo Senhor, rico para com todos aqueles que O invocam” (Rm 10, 12).

Nessa grande família de almas, quão belo é recordar que, num mesmo instante, ao redor do mundo, haverá freiras ajudando vítimas do terremoto no Haiti, algum Bispo africano celebrando Missa numa catedral repleta de jovens, um frade dando aulas em alguma faculdade polonesa cercada de neve ou uma missionária ensinando o Catecismo numa aldeia da Índia. A freira haitiana nada compreenderá do polonês, e menos ainda o frade entenderá algo falado em bengali ou híndi. Todavia, poderá haver alhures maior união de ideais que a dessas pessoas, empenhadas no esforço comum pela evangelização de todos os homens?

Atestando o caráter universal do chamado cristão, declarou o Santo Padre Bento XVI aos membros do Corpo Diplomático acreditado junto à Santa Sé que a Igreja “mantém aberta a sua porta para todos, e com todos deseja tecer relações que contribuam para o progresso da família humana” (Audiência para a apresentação dos votos de Ano Novo, 11/1/2010).

Nessa divina Instituição fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo, podem os homens encontrar a paz, o progresso e a prosperidade que tanto almejam, pois “o Senhor dos exércitos preparou para todos os povos, nesse monte, um banquete de manjares frescos, de bons vinhos, de carnes gordas e medulosas, de vinhos velhos purificados” (Is 25, 6). ✧



Arautos do Evangelho participam do Dia da Juventude em Matola, Moçambique

(Foto: José Eduardo Pinheiro)



O verdadeiro teólogo

O teólogo não pode contentar-se com um conhecimento meramente acadêmico, desligado da própria vida. Para chegar à verdade, é preciso saber aceitar a própria pequenez e reconhecer a grandeza de Deus.

As palavras do Senhor, que há pouco ouvimos no trecho evangélico, são um desafio para nós teólogos, ou talvez, para dizer melhor, um convite a um exame de consciência: o que é a teologia? O que somos nós, teólogos? Como fazer bem teologia? Ouvimos que o Senhor louva o Pai porque escondeu o grande mistério do Filho, o mistério trinitário, o mistério cristológico, diante dos sábios, dos doutos — eles não o conheceram — mas revelou-o aos pequeninos, aos *népioi*, àqueles que não são doutos, que não têm uma grande cultura. A eles foi revelado este grande mistério.

Com estas palavras, o Senhor descreve simplesmente um fato da Sua vida; um fato que começa já na época do Seu nascimento, quando os Magos do Oriente perguntam aos competentes, aos escribas, aos exegetas, o lugar do nascimento do Salvador, do Rei de Israel. Os escribas sabem-no, porque são grandes especialistas; podem dizer imediatamente onde nasce o Messias: em Belém! Mas não se sentem convidados a ir: para eles é um conhecimento acadêmico, que não diz respeito à sua vida; eles permanecem fora. Podem dar informações, mas

a informação não se torna formação da própria vida.

Grandes especialistas para os quais o mistério permanece inacessível

Depois, durante toda a vida pública do Senhor, encontramos a mesma coisa. É inacessível para os sábios compreender que este homem não douto, galileu, possa ser realmente o Filho de Deus. Permanece-lhes inacessível o fato de que Deus, o grande, o único, o Deus do Céu e da Terra, possa estar presente neste homem. Sabem tudo, conhecem também Isaías 53, todas as grandes profecias, mas o mistério permanece escondido. Ao contrário, é revelado aos pequeninos, a começar por Nossa Senhora, até aos pescadores do Lago da Galileia. Eles conhecem, como também o capitão romano, aos pés da Cruz, reconhecem: Ele é o Filho de Deus.

Os acontecimentos essenciais da vida de Jesus não pertencem unicamente ao passado, mas estão presentes, de vários modos, em todas as gerações. E assim também na nossa época, nos últimos duzentos anos, observamos a mesma coisa. Existem grandes doutos, grandes especialistas, grandes teólogos, mestres da Fé,

que nos ensinaram muitas coisas. Penetraram nos pormenores da Sagrada Escritura, da história da salvação, mas não puderam ver o próprio mistério, o verdadeiro núcleo: que Jesus era realmente Filho de Deus, que Deus trinitário entra na nossa História, num determinado momento histórico, num homem como nós.

O essencial permaneceu escondido! Poder-se-iam citar facilmente grandes nomes da história da teologia destes duzentos anos, dos quais aprendemos muito, mas o mistério não foi aberto aos olhos do seu coração.

Deus revelou seus mistérios aos pequeninos

Em contrapartida, no nosso tempo existem também os pequeninos que conheceram este mistério. Pensemos em Santa Bernadette Soubirous; em Santa Teresa de Lisieux, com a sua nova leitura da Bíblia “não científica”, mas que entra no coração da Sagrada Escritura; até aos santos e beatos da nossa época: Santa Josefina Bakhita, Beata Teresa de Calcutá, São Damião de Veuster. Poderíamos enumerar muitos deles!

No entanto, de tudo isto nasce a pergunta: por que é assim? É o Cris-



Dois momentos da Celebração Eucarística presidida pelo Papa na Capela Paulina da Basilica de São Pedro

tianismo a religião dos néscios, das pessoas sem cultura, não formadas? Apaga-se a fé onde se desperta a razão? Como se explica isto? Talvez tenhamos que olhar mais uma vez para a História. Permanece verdadeiro o que Jesus disse, aquilo que se pode observar em todos os séculos. E todavia, existe uma “espécie” de pequeninos que são inclusive doutos.

Aos pés da Cruz encontra-se Nossa Senhora, a humilde serva de Deus, a grande mulher iluminada por Deus. E encontra-se também João, pescador do Lago da Galileia, mas é aquele João que será justamente chamado pela Igreja “o teólogo”, porque realmente soube ver o mistério de Deus e anunciá-lo: com olhos de águia, entrou na luz inacessível do mistério divino.

Assim, mesmo depois da sua Ressurreição, o Senhor, no caminho de Damasco, sensibiliza o coração de Saulo, um dos sábios que não veem. Ele mesmo, na primeira Carta a Timóteo, define-se “ignorante” naquela época, apesar da sua ciência. Mas o Ressuscitado toca-o: ele torna-se cego e, ao mesmo tempo, realmente vidente, começa a ver. O grande douto torna-se um pequenino, e precisamente por isso vê a lou-

cura de Deus que é sabedoria, sapiência maior do que todas as sabedorias humanas.

Um modo de utilizar a razão que a põe por cima de Deus

Poderíamos continuar a ler toda a História deste modo. Só mais uma observação. Estes doutos sábios, *sofói* e *sinetói*, na primeira leitura, aparecem de outro modo. Aqui, *sofia* e *sínesis* são dádivas do Espírito Santo que pairam sobre o Messias, sobre Cristo.

O que significa? Sobressai o fato de que existe um uso dúplice da razão e uma maneira dupla de ser sábio ou pequenino. Há um modo de utilizar a razão que é autônomo, que se põe acima de Deus, em toda a gama das ciências, a começar pelas naturais, onde é universalizado um método adequado para a pesquisa da matéria: Deus não faz parte deste método, portanto Deus não existe.

E assim, finalmente, também na teologia: pesca-se nas águas da Sagrada Escritura com uma rede que permite capturar somente peixes de uma certa medida, e aquilo que vai além desta medida não entra na rede, e por conseguinte não pode existir. Assim, o grande mistério de Jesus, do Filho que Se fez homem, re-

duz-se a um Jesus histórico: uma figura trágica, um fantasma sem carne nem ossos, um homem que permaneceu no sepulcro, que se corrompeu e é realmente um morto.

O método sabe “capturar” certos peixes, mas exclui o grande mistério, porque o homem se faz ele mesmo a medida: possui esta soberba, que é simultaneamente uma grande loucura, porque torna absolutos certos métodos não adequados às grandes realidades; entra neste espírito acadêmico que vimos nos escribas, os quais respondem aos Reis Magos: “Não me diz respeito; permaneço fechado na minha existência, que não é tocada”. É a especialização que vê todos os pormenores, mas já não vê a totalidade.

Ao aceitarmos a nossa pequenez, a razão se torna maior

E existe o outro modo de utilizar a razão, de ser sábio, a do homem que reconhece quem ele mesmo é; reconhece a própria medida e a grandeza de Deus, abrindo-se na humildade à novidade do agir de Deus. Assim, precisamente aceitando a sua pequenez, fazendo-se pequenino como realmente é, chega à verdade. Desta maneira, também a razão pode expres-

sar todas as suas possibilidades, não é anulada mas amplia-se, torna-se maior. Trata-se de outra *sofia* e *sínesis*, que não exclui do mistério, mas é precisamente com-nhão com o Senhor, em Quem repousam a sapiência e a sabedoria, e a sua verdade.

Neste momento, queremos rezar ao Senhor a fim de que nos conceda a verdadeira humildade. Que nos conceda ser pequeninos, para sermos realmente sábios; nos ilumine, nos faça ver o seu mistério do júbilo do Espírito Santo, nos ajude a ser verdadeiros teólogos, que po-

dem anunciar o seu mistério porque foram tocados na profundidade do seu coração, da sua existência. Amém.

(Homilia da Missa com os membros da Comissão Teológica Internacional, 1/12/2009)

A obra teológica de Pedro Lombardo

Comentando os valiosos contributos do Mestre das Sentenças para os estudos teológicos, Sua Santidade convida a reconhecer como é preciosa e indispensável para cada cristão a vida sacramental, e exorta celebrar os Sacramentos com dignidade e decoro.

Pedro Lombardo iniciou os seus estudos em Bolonha, depois foi a Reims, e por fim a Paris. A partir de 1140 ensinou na prestigiosa escola de Notre Dame. Estimado e apreciado como teólogo, oito anos mais tarde foi encarregado pelo Papa Eugénio III de examinar as doutrinas de Gilberto Porretano, que suscitavam muitos debates, porque eram consideradas não totalmente ortodoxas. Tendo-se tornado sacerdote, foi nomeado Bispo de Paris em 1159, um ano antes da sua morte, em 1160.

Organizador sistemático e harmonioso

Como todos os mestres de teologia do seu tempo, também Pedro escreveu discursos e textos de comentários à Sagrada Escritura. A sua obra-prima é constituída pelos quatro Livros das Sentenças. Trata-se de um texto nascido e finalizado para o ensino. Segundo o método teológi-

co em uso naqueles tempos, era necessário antes de tudo conhecer, estudar e comentar o pensamento dos Padres da Igreja e de outros escritores considerados influentes. Por isso, Pedro recolheu uma documentação muito ampla, constituída principalmente pelo ensinamento dos grandes Padres latinos, sobretudo Santo Agostinho, e aberta à contribuição de teólogos seus contemporâneos. Entre outras, ele utilizou também uma obra enciclopédica de teologia grega, há pouco tempo conhecida no Ocidente: *A fé ortodoxa*, composta por São João Damasceno.

O grande mérito de Pedro Lombardo é ter organizado todo o material, que reuniu e selecionou com cuidado, num quadro sistemático e harmonioso. De fato, uma das características da teologia é organizar de modo unitário e ordenado o património da Fé. Por conseguinte, ele distribuiu as sentenças, ou seja, as fontes patrísticas sobre os vários ar-

gumentos, em quatro livros. No primeiro, trata de Deus e do mistério trinitário; no segundo, da obra da criação, do pecado e da Graça; no terceiro, do Mistério da Encarnação e da obra da Redenção, com uma ampla exposição sobre as virtudes. O quarto livro é dedicado aos Sacramentos e às realidades últimas, as da vida eterna, ou Novíssimos.

A visão de conjunto que se obtém disto inclui quase todas as verdades da Fé Católica. Este olhar sintético e a apresentação clara, ordenada, esquemática e sempre coerente, explicam o sucesso extraordinário das Sentenças de Pedro Lombardo. Elas permitiam uma aprendizagem certa por parte dos estudantes, e um amplo espaço de aprofundamento para os mestres, os professores que delas se serviam.

Um teólogo franciscano, Alexandre de Hales, que viveu uma geração depois de Pedro, introduziu nas Sentenças uma subdivisão, que tor-



nou mais fácil a sua consulta e estudo. Também os maiores teólogos do século XIII — Alberto Magno, Boaventura de Bagnoregio e Tomás de Aquino —, iniciaram a sua atividade acadêmica comentando os quatro Livros das Sentenças de Pedro Lombardo, enriquecendo-as com as suas reflexões. O texto de Lombardo foi o livro usado por todas as escolas de teologia, até ao século XVI. [...]

Descrição definitiva dos Sacramentos

Entre os contributos mais importantes oferecidos por Pedro Lombardo para a história da Teologia, gostaria de recordar a sua análise sobre os Sacramentos, dos quais deu uma descrição, diria, definitiva: “É chamado Sacramento em sentido próprio aquilo que é sinal da graça de Deus e forma visível da graça invisível, de tal modo que traz a sua imagem e é a sua causa” (4, 1, 4). Com esta definição, Pedro Lombardo colhe a essência dos Sacramentos: eles são causa da graça, têm a capacidade de continuar realmente a vida divina.

Os teólogos sucessivos não abandonarão esta visão e utilizarão também a distinção entre elemento material e elemento formal, introduzida pelo “Mestre das Sentenças”, como foi chamado Pedro Lombardo. O elemento material é a realidade sensível e visível, o formal são as palavras pronunciadas pelo ministro. Ambos são essenciais para uma celebração completa e válida dos Sacramentos: a matéria, a realidade com a qual o Senhor nos toca visivelmente, e a palavra que dá o significado espiritual. No Batismo, por exemplo, o elemento material é a água que se derrama sobre a cabeça da criança e o elemento for-

mal são as palavras: “Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

Além disso, Lombardo esclareceu que só os Sacramentos transmitem objetivamente a graça divina e que são sete: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio (cf. Sentenças 4, 2, 1).

A vida sacramental é indispensável para todo cristão

Queridos irmãos e irmãs, é importante reconhecer como é preciosa e indispensável para cada cristão a vida sacramental, na qual o Senhor, através desta matéria, na comunidade da Igreja, nos toca e nos transforma. Como recita o Catecismo da Igreja Católica, os Sacramentos são “forças que saem do Corpo de Cristo, sempre vivo e vivificante, ações do Espírito Santo” (n. 1116).

Neste Ano Sacerdotal, que estamos celebrando, exorto os sacerdotes, sobretudo os ministros que curam as almas, a terem eles mesmos primeiro, uma intensa vida sacramental para servirem de ajuda aos fiéis.

A celebração dos Sacramentos distinga-se por dignidade e decoro, favoreça o recolhimento pessoal e a participação comunitária, o sentido da presença de Deus e o ardor missionário. Os Sacramentos são o grande tesouro da Igreja e a cada um de nós compete a tarefa de os celebrar com fruto espiritual. Nelles, um acontecimento sempre surpreendente toca a nossa vida: Cristo, através dos sinais visíveis, vem ao nosso encontro, purifica-nos, transforma-nos e torna-nos partícipes da sua amizade divina. [...]

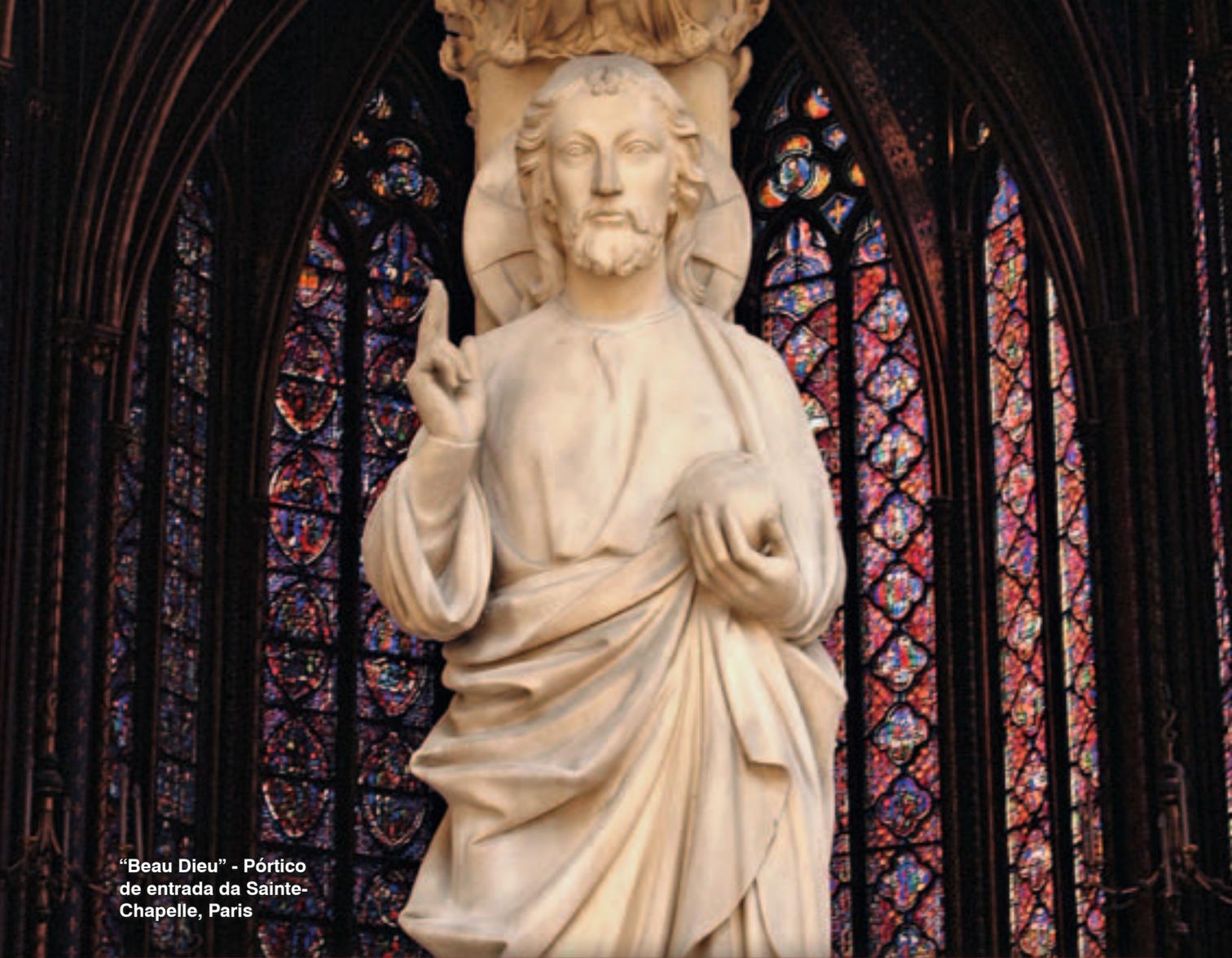
(Excertos da Audiência Geral de 30/12/2009)



L'Osservatore Romano

Bento XVI durante a última audiência do ano de 2009, dedicada a Pedro Lombardo

Todos os direitos sobre os documentos pontifícios estão reservados à Libreria Editrice Vaticana.
A íntegra dos documentos acima pode ser encontrada em www.vatican.va



“Beau Dieu” - Pórtico de entrada da Sainte-Chapelle, Paris

EVANGELHO

¹ “Guardai-vos de fazer as boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles. Do contrário, não tereis direito à recompensa do vosso Pai que está nos Céus. ² Quando, pois, dás esmola, não faças tocar a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. ³ Mas, quando dás esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita, ⁴ para que a tua esmola fique em segredo, e teu Pai, que vê o que fazes em segredo, te pagará.

⁵ Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de orar em pé nas sinagogas e

nos cantos das praças, a fim de serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. ⁶ Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, ora a teu Pai; e teu Pai, que vê o que se passa em segredo, te dará a recompensa.

¹⁶ Quando jejuardes, não vos mostreis tristes como os hipócritas, que desfiguram o rosto para mostrar aos homens que jejuam. Na verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. ¹⁷ Mas tu, quando jejuares, unge a tua cabeça e lava o teu rosto, ¹⁸ a fim de que não pareça aos homens que jejuas, mas sim a teu Pai, que está presente no oculto, e teu Pai, que vê no oculto, te dará a recompensa” (Mt 6, 1-6.16-18).

O centro deve estar sempre ocupado por Deus

No jejum, na oração ou na prática de qualquer boa obra, não se pode erigir como fim último o benefício que daí possa nos advir, mas sim a glória d’Aquele que nos criou. Pois tudo quanto é nosso — exceção feita das imperfeições, misérias e pecados — pertence a Deus.



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – TEMPO DE PENITÊNCIA E RECONCILIAÇÃO

Por meio do Ciclo Litúrgico, com sabedoria e didática, rememora a Igreja ao longo do ano os mais importantes episódios da existência terrena do Verbo Encarnado. As solenidades da Anunciação e do Natal, as comemorações do Tríduo Pascal e da Ascensão de Nosso Senhor aos Céus, entre outras, compõem um variado caleidoscópio, apresentando à piedade dos fiéis diferentes aspectos da infinita perfeição de nosso Redentor. As graças dispensadas pela Providência em cada um desses momentos históricos revivem, de certo modo, e se derramam sobre aqueles que devotadamente participam dessas festividades.

Precedendo as solenidades mais importantes — o Nascimento do Salvador e sua Paixão, Morte e Ressurreição — a Igreja destina dois períodos de preparação: o Advento e a Quaresma, pois convém que, para celebrar tão elevados e sublimes mistérios, os fiéis purifiquem suas almas das misérias e apegos, tornando-as mais aptas a receber as dádivas celestes.

Na Quarta-Feira de Cinzas têm início os quarenta dias que antecedem a Semana Santa. As

três leituras desse dia — uma passagem do Profeta Joel, um trecho de uma epístola de São Paulo e outro do Evangelho — nos falam da necessidade do jejum e da penitência como meios de melhor combater os vícios, pela mortificação do corpo, e propiciar a elevação da mente a Deus. Pois, segundo nos ensina o Papa São Leão Magno, “nós nos mortificamos para extinguir em nós a concupiscência. E o resultado da mortificação deve ser o abandono das ações desonestas e dos desejos injustos”.¹

Como mais adiante veremos, os textos litúrgicos em questão fazem referência, sobretudo, a um tipo de penitência que agrada especialmente a Deus e que é essencial para nossa vida espiritual. Trata-se de evitar os exageros do amor próprio, procurando não atrair as atenções dos outros sobre si mesmo, de maneira que a alma, limpa e ornada da virtude da humildade, ofereça ao Senhor um sacrifício de agradável perfume.

“Lembra-te, homem, de que és pó”

De forma cogente, a liturgia da Quarta-Feira de Cinzas recorda-nos também nossa condição de mortais: *“Memento homo quia pulvis es et*

*De forma
cogente, a
liturgia da
Quarta-Feira
de Cinzas
recorda-nos
também
nossa
condição de
mortais*

O pecado nos afasta de Deus, tornando necessária a reconciliação

in pulverem reverteris — Lembra-te, homem, de que és pó e ao pó hás de voltar”, diz, de modo categórico, uma das duas fórmulas usadas pela Igreja para a imposição das cinzas.² Após a cerimônia, a fronte dos fiéis fica marcada por um traço escuro cujo aspecto trágico e carente de beleza parece proclamar: “De uma hora para outra, podemos ser levados pela morte, retornando ao pó!”.

A consideração da árdua passagem desta vida para a eternidade muitas vezes nos inquieta. Entretanto, tal pensamento é altamente benéfico para compenetrar-nos da necessidade de evitar o pecado que, sem o arrependimento e o imerecido perdão, poderá fechar-nos, para sempre, as portas do Céu: “Lembra-te de teu fim, e jamais pecarás” (Eclo 7, 40). A esse propósito, com propriedade, Dom Próspero Gueranger recomenda: “Se quisermos perseverar no bem, onde a graça de Deus nos restabeleceu, sejamos humildes, aceitemos a sentença, e não consideremos a vida senão como uma caminhada mais ou menos longa que termina no túmulo”.³

“Deixai-vos reconciliar com Deus”

Na própria primeira leitura de hoje, incentiva-nos São Paulo a vivermos na graça de Deus: “Em nome de Cristo, vos rogamos: reconciliai-vos com Deus!” (II Cor, 5, 20). E com toda razão, pois o pecado nos afasta de Deus, tornando necessária a reconciliação. A Doutrina Católica nos ensina que nem mesmo os incomensuráveis méritos de Nossa Senhora somados aos dos Anjos e dos Bem-aventurados, e aos de todos aqueles que poderiam ter sido criados e não o foram, seriam

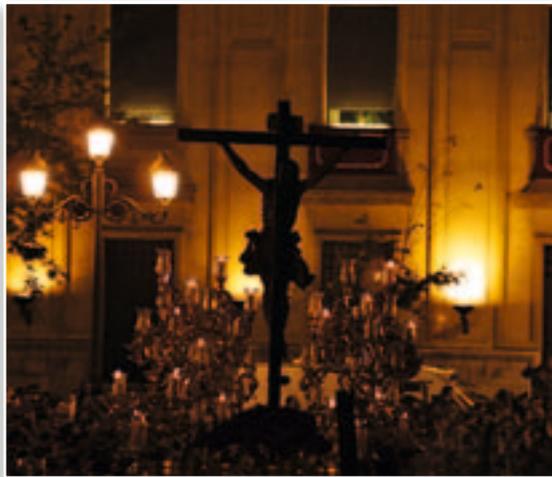
suficientes para reparar a ofensa de um só pecado venial. Quanto mais em se tratando de uma falta grave!

Só mesmo o Adorabilíssimo Sangue de Deus teria mérito infinito para redimir as ofensas cometidas pelos homens, desde Adão e Eva, como, com a elevação de linguagem de sempre, mostra-nos São Paulo: “Aquele que não conheceu o pecado, Deus O fez pecado por nós, para que n’Ele nós nos tornássemos justiça de Deus” (II Cor 5, 21). A Encarnação da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, com sua Paixão e Morte na cruz, foi o meio escolhido para restituir à humanidade transviada a plena amizade com Deus. E, por serem insuperáveis as operações divinas, tal foi a superabundância de graça conquistada pelo sacrifício do Calvário que, mesmo a soma de todas as possíveis faltas dos homens jamais tornará insuficientes os méritos infinitos do Preciosíssimo Sangue de Cristo.⁴

Se Jesus não tivesse assumido sobre Si a dívida contraída por nossos primeiros pais, por meio da oblação de seu Corpo, impossível seria nossa reconciliação com Deus⁵ e teríamos para sempre fechadas as portas do Céu.

II – AMOR PRÓPRIO, ORAÇÃO E JEJUM

Na passagem do Evangelho que hoje analisamos, vemos o Divino Mestre tomar como exemplo didático uma cena característica daqueles tempos. Sob uma perspectiva histórica, Ele censura uma atitude corrente, sobretudo entre os fariseus. Mas, sendo eterna a palavra



Só mesmo o Precioso e Adorabilíssimo Sangue de Deus teria mérito infinito para redimir as ofensas cometidas pelos homens, desde Adão e Eva

Aspectos das cerimônias de Semana Santa na Catedral de Málaga e pelas ruas de Sevilha (Espanha)

de Deus, contém ela uma lição para os homens de todos os séculos.

O principal sorvedouro por onde se escoam os méritos

¹ “Guardai-vos de fazer as boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles. Do contrário não tereis direito à recompensa do vosso Pai que está nos Céus”.

Difícil era fariseus serem alheios à hipocrisia. Levados por um supino orgulho, voltavam-se para si mesmos a ponto de se esquecer de Deus, fazendo suas boas obras com o intuito de angariar prestígio “diante dos homens”.

O defeito apontado por Nosso Senhor neste versículo era comum entre eles, e infelizmente não é raro também em nossos dias. Traspordam das Sagradas Escrituras conselhos sobre esse pecado capital, raiz de muitos vícios, principalmente no livro do Eclesiastes: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Ecl 1, 2). É essa a preocupação do Divino Mestre.

A respeito dos atos humanos podemos afirmar que alguns são neutros, como por exemplo, cantar ou pintar. A substância e o mérito lhes advêm da intenção e da finalidade com as quais os executamos. Outros são bons de *per se*, por estarem ordenados pela razão a um objetivo honesto. Mas, segundo o Doutor Angélico, “pode acontecer que um ato em si mesmo virtuoso se torne, eventualmente, vicioso, devido a certas circunstâncias”.⁶

Ora, a vaidade macula muitas vezes nossos atos de virtude e nos rouba os méritos. Pois, como sublinha o Cardeal Gomá, ela é “um perniciosíssimo inimigo das boas obras: praticá-las com o escopo de ser visto e admirado pelos outros, é perder a recompensa que lhes corresponde quando são feitas com reta intenção”.⁷

Afirmam os mestres da vida espiritual ser a vaidade um vício tão arraigado no homem que, por assim dizer, somente o abandona meia hora depois de sua morte. Para vencê-lo, requer-se muita oração, paciência e esforço. Oração, porque por meio dela se obtêm as graças para combatê-lo. Paciência e esforço, porque devemos lutar contra ele dia e noite, impedindo-o de instalar-se em nossa alma, como recomenda São João Crisóstomo: “É necessário prestar muita atenção em sua entrada, do mesmo modo como alguém põe-se



Sérgio Miyazaki

“Nós nos mortificamos para extinguir em nós a concupiscência, e o resultado da mortificação deve ser o abandono das ações desonestas e dos desejos injustos”

Imposição das cinzas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, do Seminário dos Arautos do Evangelho em Caieiras, Grande São Paulo

em guarda contra uma fera prestes a atacar quem não está vigilante”.⁸

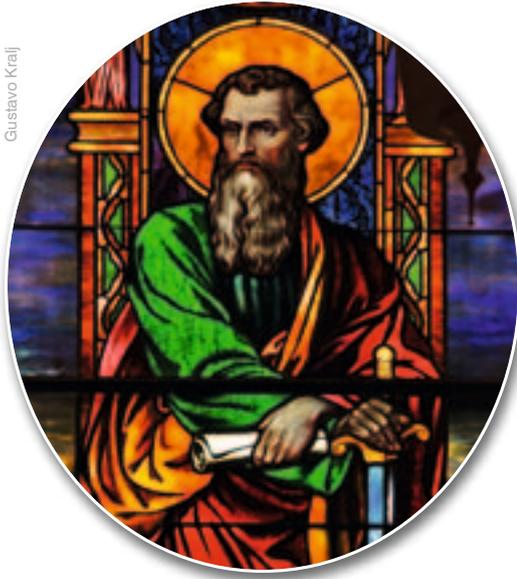
Poderíamos, então, usar uma expressão forte, mas muito verdadeira: a vaidade é o principal sorvedouro por onde se escoam os méritos das nossas orações e boas obras. Ela é também um veneno para a alma, porque a deixa desprovida de forças para enfrentar as tentações e, portanto, exposta a toda espécie de fraquezas e capitulações.

Convém notar, de outro lado, que ao dizermos: “Guardai-vos de fazer as boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles”, não nos convida o Mestre a sempre nos ocultarmos para fazer o bem, pois praticar a justiça diante dos homens pode ser motivo de edificação para o próximo e de glória para o Criador, como sublinha o grande Bossuet: “Ele não nos proíbe de praticar a justiça cristã em todas as oportunidades, para edificação do próximo; pelo contrário, disse Ele: ‘Brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos Céus’. [...] Edificai o próximo, por vossas ações externas, e tudo em vós, até mesmo um piscar de olhos, seja ordenado, mas tudo se faça com naturalidade e simplicidade, visando dar glória a Deus”.⁹

Dar esmola visando o aplauso

² “Quando, pois, dás esmola, não faças tocar a trombeta diante de ti, como fazem os hipócri-

A vaidade é o principal sorvedouro por onde se escoam os méritos das nossas orações e boas obras



Quem dá esmola para obter a aprovação dos outros, pode considerar-se bem pago com os elogios daí resultantes

“Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que n’Ele nós nos tornássemos justiça de Deus” (II Cor 5, 21).

“São Paulo” - Basílica de Saint Patrick, Montreal (Canadá)

tas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa”.

Não tendo recebido ainda a seiva regeneradora do Cristianismo, na humanidade daquela época imperava de tal modo o egoísmo, que o dar esmola era prática incomum. Quem o fazia, julgava-se merecedor do aplauso dos demais, por sua pretensa bondade. Daí ser costume dar esmola “com muita ostentação”.¹⁰

Mais ainda: “Parece que, para excitar a generosidade, estabeleceu-se o hábito de proclamar o nome dos doadores [...] e chegava-se mesmo a honrá-los, oferecendo-lhes os primeiros lugares na sinagoga”.¹¹

Ora, ensina Nosso Senhor, nesta passagem do Evangelho, que quem dá esmola para obter a aprovação dos outros pode considerar-se bem pago pelos elogios assim obtidos. Não lhe cabe esperar um prêmio sobrenatural, pois, conforme acentua o padre Tuyá, “Deus recompensa em justiça sobrenatural somente aquilo que se faz sobrenaturalmente por amor a Ele, assim como repugna-Lhe esse censurável procedimento que é a hipocrisia farisaica”.¹²

Quem, entretanto, dá esmola discretamente, apenas diante de Deus e por amor a Deus, este sim, d’Ele receberá a recompensa.

O prêmio, devemos esperá-lo apenas de Deus

³ “Mas, quando dás esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita, ⁴ para que a tua esmola fique em segredo, e teu Pai, que vê o que fazes em segredo, te pagará”.

No versículo anterior, Nosso Senhor recrimina aqueles que visam a vanglória na prática da esmola; neste, censura-nos o comprazimento vaidoso ao realizarmos as boas obras. Para combater esse defeito, precisamos esforçar-nos para não deter nossa atenção naquilo que fazemos de bom. “Se fosse possível — comenta Bossuet —, seria necessário esconder de vós mesmos o bem que fazeis; procurai ocultar a vossos olhos pelo menos o seu mérito; [...] empenhai-vos na prática da boa obra a ponto de jamais vos preocupar com o que dela vos resultará: deixai tudo por conta de Deus, assim só Ele vos verá, vos ocultareis de vós mesmos”.¹³

Na mesma linha opina o Cardeal Gomá: “Se possível fosse, até nós deveríamos ignorar nossas esmolas. A recompensa, devemos esperá-la somente de Deus”.¹⁴

Complementando essas afirmações, esclarece Maldonado: “Não há culpa em ser visto pelos outros quando se faz o bem, mas sim em desejar ser visto. Também não há culpa em querer ser visto, desde que não seja para conseguir o elogio dos homens. ‘Brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos Céus’”.¹⁵

É vã a oração de quem visa as exterioridades

⁵ “Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, a fim de serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa”.

Naquela época, era dever de todo varão judeu rezar três vezes por dia: de manhã, coincidindo com o sacrifício matutino, ao meio-dia e na hora do sacrifício vespertino. As preces eram feitas geralmente de pé, com os braços erguidos para o Céu, como a simbolizar o dom que se esperava receber.¹⁶

As pessoas costumavam orar no interior das próprias casas. Os fariseus, porém, escolhiam para tal os lugares mais visíveis nas sinagogas ou

nas praças públicas. Ali gesticulavam e repetiam de cor grande número de orações, de forma a impressionar quem por lá passava. Inútil dizer que eram vãs essas preces, pois eles já tinham obtido o que almejavam: o aplauso dos transeuntes.

Não caíamos, entretanto, no erro de pensar que Nosso Senhor condena toda oração feita em público. O Divino Mestre recrimina neste versículo apenas a preocupação com as exterioridades, tão frequente nos homens daquele tempo, e a atitude genérica das pessoas que rezam com ostentação ou procurando unicamente o louvor dos semelhantes.

Na nossa vida de piedade, devemos procurar ser discretos

⁶ “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, ora a teu Pai; e teu Pai, que vê o que se passa em segredo, te dará a recompensa”.

A essência da oração, ensina o Catecismo, é a “elevação da mente a Deus”.¹⁷ Assim, é possível a qualquer um permanecer em oração inclusive durante os atos comuns da vida, realizando-os com o espírito voltado para o Céu.

Portanto, para rezar não é preciso tomar a atitude espalhafatosa dos fariseus. Devemos, pelo contrário, ser discretos nas manifestações externas de nossa piedade particular, evitando gestos ou palavras que ponham em realce nossa própria pessoa.

Mas se, apesar disso, nossa devoção for notada pelos outros, não devemos nos perturbar, tranquilizemo-nos com este ensinamento de Santo Agostinho: “Não há pecado em ser visto pelos homens, mas sim em proceder com a finalidade de por eles ser visto”.¹⁸

O jejum transformado em um ato de caráter social

¹⁶ “Quando jejuardes, não vos mostreis tristes como os hipócritas, que desfiguram o rosto para mostrar aos homens que jejuam. Na verdade vos digo que já receberam a sua recompensa”.

O espírito oriental, em sua riqueza de expressividade, é propenso a atitudes dramáticas, por vezes bonitas, mas que, nas práticas religiosas, podem extrapolar os padrões normais. Assim acontecia com os fariseus que, ao jejuar, colocavam cinza na cabeça, não penteavam a barba e até pin-

tavam o rosto para dar ideia de tristeza, ostentando uma fisionomia de tragédia.¹⁹ Tinham transformado o jejum em um ato de caráter social, uma encenação, para convencer os outros de sua pretendida virtude. E não recebiam recorrer a todos os meios disponíveis para atingir esse objetivo.

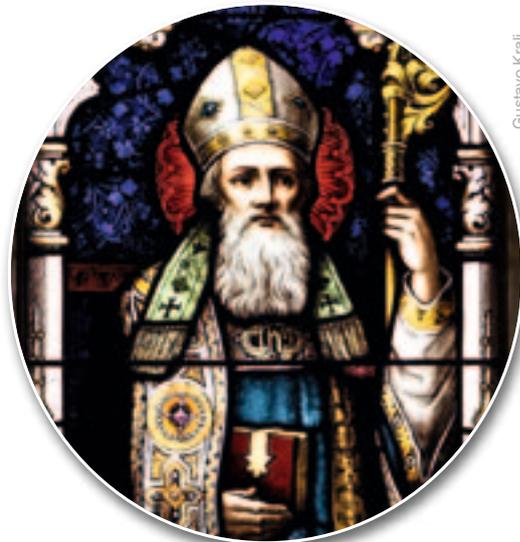
Uma vez mais, Nosso Senhor os reprova por se servirem da aparência de justiça para impressionar os outros, e afirma terem sido já recompensados pelo seu jejum.

A propósito deste versículo, cabe uma aplicação a nós: ao fazermos algo difícil, nunca procuramos atrair a atenção dos demais, mendigando alguns elogios. Assim procediam muitos santos que, ao praticar severos jejuns, mortificações e austeridades assustadoras, apresentavam-se, por meio de uma santa dissimulação, com uma aparência exterior alegre e jovial.

Alegria e asseio ao praticar a virtude

¹⁷ “Mas tu, quando jejuares, unge a tua cabeça e lava o teu rosto, ¹⁸ a fim de que não pareça aos homens que jejuas, mas sim a teu Pai, que está presente no oculto, e teu Pai, que vê no oculto, te dará a recompensa”.

Além de tornar claro o quanto todas as nossas ações devem ser realizadas em função de



Gustavo Krajič

“Em nossas práticas de piedade não há pecado em ser visto pelos homens, mas sim em proceder com a finalidade de por eles ser visto”.

“Santo Agostinho”, Igreja de Santa Maria, Kitchener (Canadá)

Em nossa piedade particular não é preciso tomar a atitude espalhafatosa dos fariseus; devemos, pelo contrário, ser discretos

Reconhecamos os benefícios que Deus nos dá e rendamos-Lhe graças por eles, não nos colocando jamais como objeto desse louvor

Deus, Jesus ressalta aqui a fundamental importância da limpeza para a criatura humana. Devemos primar pelo asseio corporal como reflexo da pureza que desejamos para nosso espírito. E aliando uma apresentação impecável às boas ações, ajudaremos a manifestar que a verdadeira felicidade se encontra na prática da virtude.

Quanto ao conselho de ungir a cabeça, explica São Jerônimo: “Trata-se aqui do costume que havia na Palestina, de se ungir a cabeça nos dias de festa”. E acrescenta que assim, “o Senhor nos ordena que nos manifestemos contentes e alegres quando jejuarmos”.²⁰

III – A QUARESMA NOS CONVIDA A CRESCER EM HUMILDADE

O Evangelho da Quarta-Feira de Cinzas nos apresenta o espírito com que se deve viver a Quaresma: não fazer boas obras com vistas a obter a aprovação dos outros, não ceder ao orgulho nem à vaidade, mas procurar em tudo agradar somente a Deus.

No jejum, na oração ou na prática de qualquer boa obra, não se pode erigir como fim último o benefício que daí possa nos advir, mas sim a glória d’Aquele que nos criou. Pois tudo quanto é nosso — exceção feita das imperfeições, misérias e pecados — pertence a Deus. E também nossos méritos, pois é o próprio Jesus quem afirma: “Sem Mim, nada podeis fazer”! (Jo 15, 5).

Assim, se tivermos a graça de praticar um ato bom, devemos imediatamente reportá-lo ao Criador, restituindo-Lhe os méritos, pois estes

Lhe pertencem, e não a nós. “Quem se gloria, glorie-se no Senhor” (I Cor 1, 31), adverte-nos o Apóstolo.

Pelo sacerdócio comum a todos os batizados,²¹ cada fiel é chamado, em determinadas circunstâncias, a atuar como mediador das graças que vêm de Deus para benefício dos outros, e dos louvores que deles se elevam ao trono do Altíssimo. Nessa ocasião, cuidemos de não nos apropriarmos de nada, pois tudo quanto possuímos de virtude, bondade ou beleza — tanto as faculdades da alma quanto as qualidades corporais e o desenvolvimento de nosso ser físico, intelectual e moral —, tudo isso provém de Deus.

Santa Teresa de Jesus assim define a humildade: “Deus é a suma verdade, e a humildade consiste em andar na verdade, pois de grande importância é não ver coisa boa em si mesmo, mas sim a miséria e o nada”.²²

Reconhecamos os benefícios que Deus nos dá e por eles rendamos-Lhe graças, não nos colocando jamais como objeto desse louvor, julgando sermos nós a fonte de qualquer virtude ou qualidade.

Neste início de Quaresma, procuremos, mais ainda do que a mortificação corporal, aceitar o convite que a Liturgia sabiamente nos faz, combatendo o amor próprio com todas as nossas forças. “Procurai o mérito, procurai a causa, procurai a justiça; e vede se encontrais outra coisa que não seja a graça de Deus”.²³

Só estarão à direita de Nosso Senhor Jesus Cristo, no dia do Juízo Final, aqueles que tiverem vencido o orgulho e o egocentrismo, reconhecendo que “todo dom precioso e toda dádi-

¹ SÃO LEÃO MAGNO. *In sermone 6 de Quadragesima*, 2.

² *Missale Romanum*. 3.ed. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2002, p.198.

³ GUERANGER, Prosper. *L’Année liturgique. Le temps de la Septuagésime*. Tours: Maison Alfred Mame et fils, 1921, p.240.

⁴ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, III, q.48, a.2.

⁵ Cf. Idem, q.1, a.2, ad 2.

⁶ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, II-II, q.147, a.1, ad.1.

⁷ GOMÁ Y TOMÁS, Isidro. *El Evangelio explicado*. Barcelona: Casulleras, 1930, v.II, p.185.

⁸ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *Homiliae in Matthaem*. Hom. 19,1.

⁹ BOSSUET, Jacques-Bénigne. *Œuvres Choisies de Bossuet*. Versailles: Lebel, 1821, v.II, p.47-48.

¹⁰ TUYA, OP, Manuel de. *Biblia comentada*. Madrid: BAC, 1964, v.II, p.127.

¹¹ Idem, ibidem.

¹² Idem, p.126.

¹³ BOSSUET, op. cit., p.48.

¹⁴ GOMÁ Y TOMÁS, op. cit., p.186.

¹⁵ MALDONADO, SJ, Juan de. *Comentarios a los cuatro Evangelios – I Evangelio de San Mateo*. Madrid: BAC, 1950, p.282.



Guastavo Kraji, por concessão do Ministério dos Bens Culturais da República Italiana

Só estarão à direita de Nosso Senhor Jesus Cristo, no dia do Juízo Final, aqueles que tiverem vencido o orgulho e o egocentrismo

“Juízo Final”, por Fra Angélico - Museu de São Marcos, Florença

va perfeita vêm do alto” (Tg 1, 17). Pois o homem tem diante de si apenas dois caminhos: ou amar a Deus sobre todas as coisas, até o esquecimento de si; ou amar-se a si próprio sobre todas as coisas, até o esquecimento de Deus.²⁴ Não existe um terceiro amor.

Saibamos, portanto, aproveitar este Tempo da Quaresma para crescermos na humildade e tomarmos consciência clara da nossa limitação, uma vez que “o homem não pode receber coisa alguma, se não lhe for dada do Céu” (Jo 3, 27).

Sirvam-nos de estímulo estas confortadoras palavras de um célebre guia espiritual, o pa-

dre Reginald Garrigou-Lagrange, OP: “Quanto mais nossa alma progredir na vida divina da graça, mais ela será uma *imagem viva da Santíssima Trindade*. No início de nossa existência, o egoísmo nos faz pensar especialmente em nós e a nos amarmos, atribuindo tudo a nós. Se, porém, formos dóceis às inspirações do Alto, chegará o dia em que pensaremos sobretudo, não em nós mesmos, mas em Deus, e em que, a propósito de todas as coisas, agradáveis ou penosas, O amaremos mais do que a nós e quereremos constantemente levar as almas para Ele”.²⁵ ✧

Saibamos aproveitar este Tempo de Quaresma para crescermos na humildade e tomarmos consciência clara da nossa limitação

¹⁶ Cf. TUYA, OP, op. cit., p.129. Muito interessante é a proposta que fazem os professores de Salamanca, de traduzir a palavra grega *hestótes* por “com pose” (em lugar de “de pé”), observando, acertadamente, que “com pose” estaria mais de acordo com o contexto desta passagem.

¹⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, n.2559.

¹⁸ SANTO AGOSTINHO. *De sermone Domini*, 2, 3.

¹⁹ Cf. TUYA, OP, op. cit., p.151-152; GOMÁ Y TOMÁS, op. cit., p.191.

²⁰ SÃO JERONIMO, apud SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Catena Aurea*.

²¹ Pelo Batismo, participamos “do sacerdócio de Cristo, de sua missão profética e régia” (*Catecismo da Igreja Católica*, n.1268).

²² Cf. SANTA TERESA DE JESUS. *Las Moradas*. Morada sexta, c.10, § 6-7.

²³ SANTO AGOSTINHO. Sermo 185: PL 38,999. In: *Liturgia das Horas I*. Segunda Leitura do dia 24 de dezembro.

²⁴ SANTO AGOSTINHO. *De Civitate Dei*, XIV, 28: “Dois amores geraram duas cidades: a terrena, o amor de si até ao desprezo de Deus; a celeste, o amor de Deus até ao desprezo de si”.

²⁵ GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Reginald. *La Sainte Trinité et le don de soi*. In: *Vie Spirituelle* n.265, maio, 1942.

A santidade do sacerdote, à luz de São Tomás de Aquino

Quanto mais semelhança com Cristo os fiéis encontrarem nos sacerdotes, tanto mais facilmente se deixarão guiar por eles. E portanto, mais eficaz será o seu ministério.



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Considerando com profundidade a essência da ordenação sacerdotal e do próprio ministério sagrado, São Tomás nos ensina que o presbítero deve tender à perfeição mais ainda que um religioso ou uma freira. E de fato, para se entender tal ensinamento, basta ter bem presente o alto grau de santidade que a Celebração Eucarística e a santificação das almas exigem de um ministro,¹ como nos adverte o Divino Mestre: “Vós sois o sal da terra; mas, se o sal se torna inosso, com que se salgará? Não servirá para nada senão para jogá-lo fora a fim de que os homens o pisem. Vós sois a luz do mundo” (Mt 5, 13-14a). Diante dessa enorme responsabilidade, compreende-se o motivo pelo qual não poucos santos tiveram receio da ordenação sacerdotal.

Esta questão é de candente atualidade, pois o sucesso maior ou menor de seu ministério em favor dos fiéis pode depender, de modo particular, do próprio sacerdote. Sabemos que os Sacramentos operam com eficácia pelo poder de Cristo, produzindo a graça por si mesmos. No entanto, sua penetração será maior ou menor conforme as disposições interiores de quem

os recebe. E aqui entra um elemento subjetivo no qual tem importante papel a ação pastoral do ministro ordenado, pois sua virtude, seu fervor, seu empenho em pregar o Evangelho, em última análise, a santidade de sua vida — a qual é, por sua vez, uma forma excelente e insubstituível de pregação —, podem influenciar os fiéis a receberem os Sacramentos com melhores disposições, beneficiando-se, assim, mais de seus frutos.

Será este o fator de maior relevância no bom desempenho do ministério sacerdotal?

A propósito, na Carta para a Proclamação do Ano Sacerdotal, de 16 de junho p.p., o Santo Padre Bento XVI ressalta que o sacerdote deve

Santo Afonso de Ligório esboça a figura do sacerdote como aquele que, por seu ministério, supera em dignidade os próprios Anjos

aprender de São João Maria Vianney “a sua total identificação com o próprio ministério”.

Por essa razão, deseja o Papa, neste Ano Sacerdotal, “favorecer esta tensão dos sacerdotes para a perfeição espiritual da qual, sobretudo, depende a eficácia de seu ministério”.²

É este ponto — de máxima importância para a vida da Igreja, mormente para a missão de anunciar o Evangelho e de santificar os fiéis — que pretendemos abordar nestas páginas: a relação entre eficácia do ministério sacerdotal e santidade pessoal de quem o exerce.

Recorreremos primordialmente ao ensinamento perene de São Tomás de Aquino.

A santidade do sacerdote, uma exigência

Desde a Antiga Lei, a pessoa do sacerdote é cercada de uma dignidade que requer vida exemplar. Assim, no Livro do Levítico, encontramos duplo apelo à santidade. De um lado, a mando de Deus, Moisés exorta o povo de Israel a buscar a perfeição: “Fala a toda a comunidade dos israelitas e dize-lhes: Sede



O ministro ordenado representa Nosso Senhor no meio dos fiéis e, em diversas ocasiões, age “in persona Christi”. Impossível imaginar-se título superior!

“Santo Cura d’Ars” - Basílica de Ars, Ars-sur-Formans (França)

santos, porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Lv 19, 1). Mas aos sacerdotes a santidade é exigida com mais razão, porque são eles a oferecer os sacrifícios, fazendo o papel de intermediários entre Deus e o povo. Apresentar-se manchado pelo pecado diante do Altíssimo, para exercer o múnus sacerdotal, seria uma afronta ao Criador. “Os sacerdotes [...] serão santos para o seu Deus e não profanarão o seu nome, porque oferecem ao Senhor os sacrifícios consumidos pelo fogo, o pão de seu Deus. Serão santos” (Lv 21, 5-6).

E dado que o Antigo Testamento é figura do Novo, compreende-se a necessidade de, na Nova Aliança, a santidade atingir um grau muito maior. Isto transparece na teologia tomista, a qual nos apresenta o ministro ordenado como tendo sido elevado a uma dignidade régia, no meio dos outros fiéis de Cristo, pois O representa e, em diversas ocasiões, age *in persona Christi*. Impossível, portanto,

imaginar-se título superior. E como ele é chamado a ser mediador entre Deus e os homens, além de guia destes para as coisas divinas, deve necessariamente ser-lhes superior em santidade, embora todos os batizados sejam também chamados à perfeição.

Santo Afonso de Ligório, em sua obra *A Selva*, fundamentando-se na autoridade de São Tomás, esboça a figura do sacerdote como aquele que, por seu ministério, supera em dignidade os próprios Anjos, e por isso está obrigado a uma maior san-

O sacerdote, conclui Santo Afonso, deve brilhar aos olhos do Senhor por sua boa consciência e, aos do povo, por sua boa reputação

tidade, dado o seu poder sobre o Corpo de Cristo. De onde, conclui o fundador dos Redentoristas, a necessidade de uma dedicação integral do sacerdote à glória de Deus, de tal sorte que brilhe aos olhos do Senhor em razão da sua boa consciência e aos olhos do povo por sua boa reputação.³

Sobre isso ainda, recorda a doutrina tomista a necessidade de os ministros do Senhor terem uma vida santa: “*In omnibus ordinibus requiritur sanctitas vitae*”.⁴ Devem, portanto, sobretudo eles, serem o mais possível semelhantes ao próprio Deus: “Sede perfeitos assim como o vosso Pai Celeste é perfeito” (Mt 5, 48).

São conhecidas as invectivas de Nosso Senhor contra os escribas e fariseus. O que Jesus recriminava a estes homens, tão conhecedores da Lei, era justamente o fato de não viverem aquilo que ensinavam. Pretendendo aparecer aos olhos dos outros como exímios cumpridores dos preceitos mosaicos, não

tinham reta intenção, nem verdadeiro amor a Deus. Seus ritos externos não eram acompanhados pela compunção de coração. Para que os sacerdotes da Nova Aliança não caíam no mesmo desvio, convém lembrar o comentário às Sentenças de Pedro Lombardo, onde São Tomás afirma: “Aqueles que se entregam aos ministérios divinos obtêm uma dignidade régia e devem ser perfeitos na virtude, conforme se lê no Pontifical”.⁵

Daí que na homilia sugerida no rito de ordenação presbiteral esteja incluída esta tocante exortação: “Tomai consciência do que fazeis, e ponde em prática o que celebrais, de modo que, ao celebrar o mistério da Morte e Ressurreição do Senhor, vos esforceis por mortificar o vosso corpo, fugindo aos vícios, para viver uma vida nova”.⁶

A caridade de Cristo O levou a oferecer a vida em holocausto no patíbulo da Cruz, pela redenção da humanidade. Também aqueles que são chamados a ser mediadores entre Deus e os homens, devem exercer o seu ministério por amor, como ensina o Aquinate.

O sacerdote, portanto, é chamado a um grau de santidade especial: “Pela Ordem sacra, o clérigo é consagrado aos ministérios mais dignos que existem, nos quais ele serve o Cristo no Sacramento do altar, o que exige uma santidade interior muito maior do que a exigida no estado religioso”.⁷

O sacerdote é modelo para os fiéis

Sendo visto pelos fiéis como alguém escolhido por Deus para guiá-los, o ministro ordenado deve ser sempre exemplo preclaro de virtude, como recomenda o Apóstolo



“São Tomás de Aquino” - Igreja Nossa Senhora do Rosário, do Seminário dos Arautos do Evangelho, Caieiras (Brasil)

“Servir a Cristo no sacramento do altar exige uma santidade interior muito maior do que a exigida no estado religioso”

lo a seu discípulo Tito: “Mostra-te em tudo modelo de bom comportamento: pela integridade na doutrina, gravidade, linguagem sã e irrepreensível, para que o adversário seja confundido, não tendo a dizer de nós mal algum” (Tt 2, 7-8).

Com efeito, uma conduta irrepreensível, inflamada de caridade, dando testemunho da beleza da Igreja e da veracidade da mensagem evangélica, falará muito mais profunda e

eficazmente às almas do que o mais lógico e eloquente dos discursos: “O ornato do mestre é a vida virtuosa do discípulo, como a saúde do enfermo redundando em louvor do médico. [...] Se apresentarmos nossas boas obras, será louvada a doutrina de Cristo”.⁸

Cristo é o verdadeiro modelo do ministro consagrado. É com Ele que o sacerdote deve configurar-se, não só pelo caráter sacramental, mas também pela imitação de suas perfeições, de forma que nele os fiéis possam ver outro Cristo. Só assim estes se sentirão atraídos pelo bom exemplo de seu pastor e guia.

Dada a natureza social do homem, a boa reputação decorrente da prática da virtude leva os outros à imitação. Assim, quanto mais semelhança com Cristo encontrarem os fiéis nos ministros de Deus,

tanto mais facilmente se deixarão guiar por eles. E, portanto, mais eficaz será o seu ministério.

A sacralidade do sacerdote

Um elemento conexo ao bom exemplo é a proporcionada respeitabilidade da qual deve cercar-se o ministro de Deus — não só pelo comportamento inatacável, mas também pela postura, pelo modo de ser e pelo traje — para que sua atuação exerça mais influência na alma dos fiéis.

Com efeito, mesmo em nossos dias, a experiência cotidiana nos revela como é impressionante a admiração devotada ao religioso ou sacerdote que se apresenta como tal. Essa respeitabilidade, que a uns pode parecer artificialidade, acaba sendo um valioso auxílio para o próprio ministro, pois contribui para ele ter sempre presente em seu espírito

a alta dignidade de que foi investido, a qual imprimiu caráter em sua alma, por toda a eternidade. Além de ser, ao mesmo tempo, uma salutar proteção contra incontáveis seduções do mundo.

A Santa Missa, fonte da santidade sacerdotal

Neste Ano Sacerdotal, iniciado por ocasião dos 150 anos da morte do Santo Cura d’Ars, modelo de sacerdote, vem a propósito lembrar sua entranhada e ardorosa devoção pela Santa Missa:

“Se conhecêssemos o valor da Missa, morreríamos. Para celebrá-la dignamente, o sacerdote deveria ser santo. Quando estivermos no Céu, então veremos o que é a Missa, e como tantas vezes a celebramos sem a devida reverência, adoração, recolhimento”.⁹

No Decreto *Presbyterorum ordinis*, o Concílio Vaticano II, em perfeita harmonia com a doutrina tomista, resume de forma admirável a centralidade da Eucaristia na vida espiritual do sacerdote, como seu principal meio de santificação.

Recorda, em seguida, que é através do ministério ordenado que o sacrifício espiritual dos fiéis se consuma em união com o sacrifício de Cristo, oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental.

E afirma que “para isto tende e nisto se consuma o ministério dos presbíteros. Com efeito, o seu ministério, que começa pela pregação evangélica, tira do sacrifício de Cristo a sua força e a sua virtude”.¹⁰ O que

O Concílio Vaticano II resume de forma admirável a centralidade da Eucaristia na vida espiritual do sacerdote

equivale a dizer que o sacerdote vive para a Celebração Eucarística e é dela que deve haurir a força para progredir na prática da virtude.

Garrigou-Lagrange sintetiza com precisão esta doutrina: “O sacerdote deve considerar-se ordenado principalmente para oferecer o Sacrifício da Missa. Em sua vida, este Sacrifício é mais importante que o estudo e as obras exteriores de apostolado. Com efeito, o seu estudo deve ordenar-se ao conhecimento cada vez mais profundo do mistério de Cristo, supremo Sacerdote, e o seu apostolado deve

derivar da união com Cristo, Sacerdote principal”.¹¹

Royo Marín, ao comentar a exortação do Pontifical Romano, feita pelo Bispo aos ordenandos, afirma com ênfase que a Santa Missa é “a função mais alta e augusta do sacerdote de Cristo”.¹² E, conhecedor das múltiplas ocupações pastorais de um sacerdote, que podem facilmente desviá-lo do cerne da sua vocação de mediador entre Deus e os homens, reforça a mesma ideia, logo em seguida, com inflamadas palavras de zelo sacerdotal: “É-se sacerdote, antes de tudo e sobretudo, para glorificar a Deus mediante o oferecimento do Santo Sacrifício da Missa”.¹³

Bento XVI, ao tratar da vocação e espiritualidade sacerdotais, sob uma perspectiva pastoral, afirma: “A Celebração Eucarística é o maior e mais nobre ato de oração, e constitui o centro e a fonte da qual também as outras formas recebem a ‘linfa’: a Liturgia das Horas, a ado-



“A Celebração Eucarística é o maior e mais nobre ato de oração, e constitui o centro e a fonte da qual também as outras formas recebem a ‘linfa’: a Liturgia das Horas, a adoração eucarística, a lectio divina, o santo Rosário, a meditação”.

Bento XVI incensa o altar no início da Missa da Epifania do Senhor (6/1/2010)

ração eucarística, a *lectio divina*, o santo Rosário, a meditação”.¹⁴

A eficácia do ministério sacerdotal

Como vimos anteriormente, a santidade de vida do sacerdote, enquanto exemplo para os fiéis de Cristo, é possante elemento para conduzi-los à perfeição. Bem ressalta Dom Chautard que a um sacerdote santo corresponde um povo fervoroso; a um sacerdote fervoroso, um povo piedoso; a um sacerdote piedoso, um povo honesto; a um sacerdote honesto, um povo ímpio.¹⁵ Grande é, pois, o papel da virtude do ministro, para o êxito de seu ministério.

No que respeita à aplicação do valor da Santa Missa, com finalidade propiciatória, é que se pode falar de sua eficácia subjetiva, dependente das disposições de quem a celebra e daqueles aos quais ela é aplicada, como explica São Tomás: “Ainda que a oferenda da Eucaristia, quanto à sua quantidade, seja suficiente para satisfazer por toda a pena, contudo ela tem valor de satisfação para quem ela é oferecida ou para quem a oferece, conforme a medida de sua devoção, e não pela pena inteira”.¹⁶

A respeito deste trecho do Doutor Angélico, Albert Raulin faz o seguinte comentário: “Seria pernicioso ilusão acreditar que o ofertante está dispensado do fervor, sob pre-

É indispensável que o sacerdote, para salvar aqueles que lhe estão confiados, ofereça o seu próprio sacrifício, unido ao de Cristo

texto de que Cristo, oferecendo-Se na Missa, satisfizes plenamente por todos os pecados do mundo”.¹⁷

Ante esta realidade, o sacerdote tem dois grandes deveres. Um para consigo mesmo e outro para com o povo, pois ambos se beneficiam dos frutos da Santa Missa, especialmente o celebrante, conforme o grau de fervor ou devoção.¹⁸

Dessa maneira, corresponderá ele à altíssima dignidade de seu ministério, segundo dizia o Santo Cura d’Ars:

“Sem o Sacramento da Ordem, não teríamos o Senhor. Quem O colocou ali naquele sacrário? O sacerdote. Quem acolheu a vossa alma no primeiro momento do ingresso na vida? O sacerdote. Quem a alimenta para lhe dar a força de realizar a sua peregrinação? O sacerdote. Quem há de prepará-la para comparecer diante de Deus, lavando-a pela última vez no Sangue de Jesus Cristo? O sacerdote, sempre o sacerdote. E

se esta alma chega a morrer [pelo pecado], quem a ressuscitará, quem lhe restituirá a serenidade e a paz? Ainda o sacerdote. [...] Depois de Deus, o sacerdote é tudo! [...] Ele próprio não se entenderá bem a si mesmo, senão no Céu”.¹⁹

A voz da Cátedra de Pedro

Chegados ao termo deste trabalho, em vez de recapitular a matéria tratada, como seria de praxe no melhor estilo acadêmico, parece-nos mais filial para com a Cátedra de Pedro recordar aqui, a título de conclusão, alguns pontos importantes de documentos recentes do Magistério Pontifício sobre o sacerdócio.

Não deixa de ser comovedor que em sua última Carta aos Sacerdotes, no ano 2005, o Papa João Paulo II tenha desejado centrar esse documento sobre as palavras da Consagração, como querendo ressaltar que o ápice de sua vida sacerdotal se aproximava, com o oferecimento de seu próprio sacrifício, pela doação total da vida unida ao sacrifício de Cristo. Oferecimento recomendado pelo atual Pontífice na Carta para a Proclamação do Ano Sacerdotal, citando estas palavras do Santo Cura d’Ars: “Como faz bem um padre oferecer-se em sacrifício a Deus, todas as manhãs!”.

Com efeito, iniciava João Paulo II essa sua última Carta lembran-

¹ Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Réginald. *De Sanctificatione sacerdotum, secundum nostri temporis exigentias*. Roma: Marietti, 1946, p.66-67.

² BENTO XVI. *Discurso à Congregação para o Clero*, 16/03/2009.

³ Cf. SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO. *A Selva*. Porto: Fonseca, 1928, p.6. O Autor remete aos seguintes pontos das obras de São Tomás: *Summa Theologiae*, III, q.22, a.1, ad.1; *Super Heb.* c.5, lec. 1; *Summa Theologiae*, II-II, q.184, a.8; *Summa Theologiae*, *Supl.* q.36, a.1.

⁴ SANCTUS THOMAS AQUINAS, *Summa Theologiae*, *Supl.* q.36, a.1.

⁵ SANCTUS THOMAS AQUINAS. *IV Sent.* d.24, q.2.

⁶ PONTIFICAL ROMANO. *Rito de Ordenação de Diáconos, Presbíteros e Bispos*, n.123. São Paulo: Paulus, 2004.

⁷ SANCTUS THOMAS AQUINAS, *Summa Theologiae*, II-II, q.184, a.8., Resp.

⁸ *Super Tit.* c.2, lec.2.

⁹ SÃO JOÃO BATISTA VIANNEY, apud GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Réginald. *De unione sacerdotis cum Christo*

do que “se toda a Igreja vive da Eucaristia, a existência sacerdotal deve a título especial tomar ‘forma eucarística’”.²⁰

É indispensável que o sacerdote, para salvar aqueles que lhe estão confiados, ofereça o seu próprio sacrifício, unido ao de Cristo, a exemplo de São Paulo: “Agora me alegro nos sofrimentos suportados por vós. O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne, por seu corpo que é a Igreja” (Cl 1, 24). É dessa maneira que as palavras da Consagração se transformam em “fórmula de vida”, como deu exemplo o Servo de Deus João Paulo II. Ensino este lembrado também por seu sucessor, Bento XVI: “As almas custam o Sangue de Cristo, e o sacerdote não pode dedicar-se à sua salvação se se recusa a contribuir com a sua parte para o ‘alto preço’ da Redenção”.²¹

Não podemos deixar, finalmente, de evocar o papel insubstituível da Mãe de Deus na vida sacerdotal. “Quem pode, melhor do que Maria, fazer-nos saborear a grandeza do mistério eucarístico? Ninguém pode, como Ela, ensinar-nos com quanto fervor devemos celebrar os santos Mistérios e determo-nos em companhia do seu Filho escondido sob as espécies eucarísticas”.²²

Ensina-nos ainda este Papa tão mariano, que foi João Paulo II, na

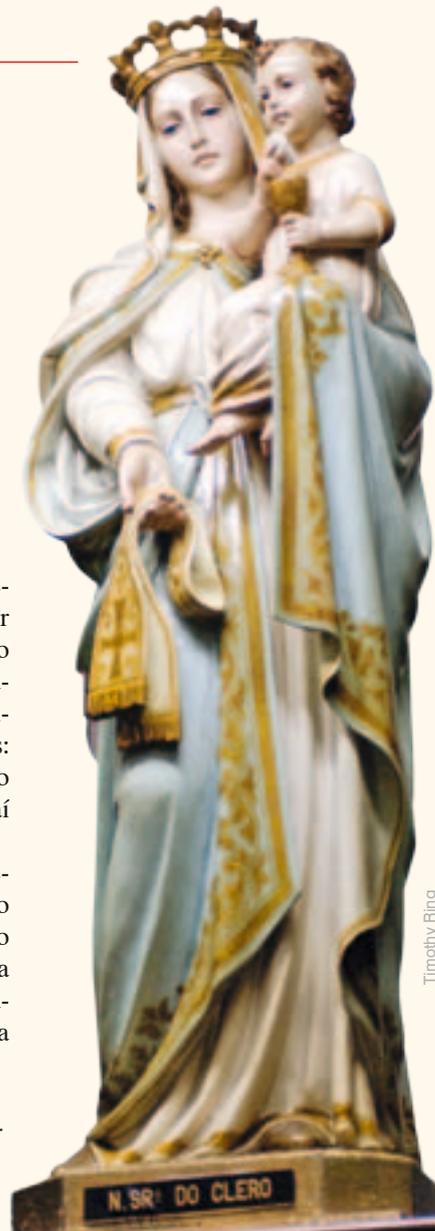
*“Quem pode,
melhor do que
Maria, fazer-nos
saborear a grandeza
do mistério
eucarístico?”*

sua Encíclica *Ecclesia de Eucaristia*:

“No ‘memorial’ do Calvário, está presente tudo o que Cristo realizou na sua Paixão e Morte. Por isso, não pode faltar o que Cristo fez para com sua Mãe em nosso favor. De fato, entrega-Lhe o discípulo predileto e, nele, cada um de nós: ‘Eis aí o Teu filho’. E de igual modo diz a cada um de nós também: ‘Eis aí a tua mãe’” (cf. Jo 19, 26-27).

Neste Ano Sacerdotal, procuremos especialmente estar unidos ao sacrifício de Cristo com o espírito de Maria, Ele que fez de toda a sua existência uma Eucaristia antecipada, preparando-Se dia a dia para a entrega suprema no Calvário. ✧

(Excertos do estudo preparado para a Pontifícia Congregação para o Clero, por ocasião do Ano Sacerdotal – Texto integral em www.annussacerdotalis.org, seção “Estudos”)



Timothy Ring

“Nossa Senhora do Clero” - Igreja de Santa Cecília, São Paulo (Brasil)

sacerdote et victima. Roma: Marietti, 1948, p.42.

¹⁰ Idem.

¹¹ GARRIGOU-LAGRANGE, OP, op. cit., p.38.

¹² ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Teología de la Perfección Cristiana*. Madrid: BAC, 2001, p.848.

¹³ Idem, ibidem.

¹⁴ BENTO XVI. *Homilia no Dia Mundial de Oração pelas Vocações*, 3/5/2009.

¹⁵ Cf. CHAUTARD, OCSO, Jean-Baptiste. *A Alma de todo o apostolado*. Porto: Civilização, 2001, p.34-35.

¹⁶ SANCTUS THOMAS AQUINAS, *Summa Theologiae*, III, q.79, a.5, Resp.

¹⁷ In: SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2006, v.IX, p.358.

¹⁸ Cf. ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Teología Moral para Seglares*. Madrid: BAC, 1994, v.II, p.158.

¹⁹ Palavras de São João Maria Vianney, citadas pelo Papa Bento XVI na *Carta para Proclamação*

do Ano Sacerdotal, de 16/6/2009.

²⁰ JOÃO PAULO II. *Carta aos Sacerdotes*, n.1, 13/05/2005.

²¹ BENTO XVI. *Carta para a Proclamação do Ano Sacerdotal*, 16/6/2009.

²² JOÃO PAULO II. Op. cit., n.8, 13/3/2005.



Atraídos por Jesus Sacramentado

Em um mundo que atravessa profunda crise de fé, afirmou o Papa Bento XVI na abertura da Assembleia Especial para a África, do Sínodo dos Bispos: “A África representa um imenso pulmão espiritual de esperança para esta humanidade”.

Os Arautos do Evangelho experimentam essa realidade no dia-a-dia de suas atividades missionárias em Moçambique. Se o país é materialmente pobre, possui grande riqueza

za sob o ponto de vista espiritual, sobretudo na população jovem, dada a sua avidez de sobrenatural e encanto pelas coisas elevadas que conduzem a Deus. Por isso, a construção de uma casa de formação que permitisse dar assistência adequada às novas vocações se tornou prioridade para os arautos em Maputo.

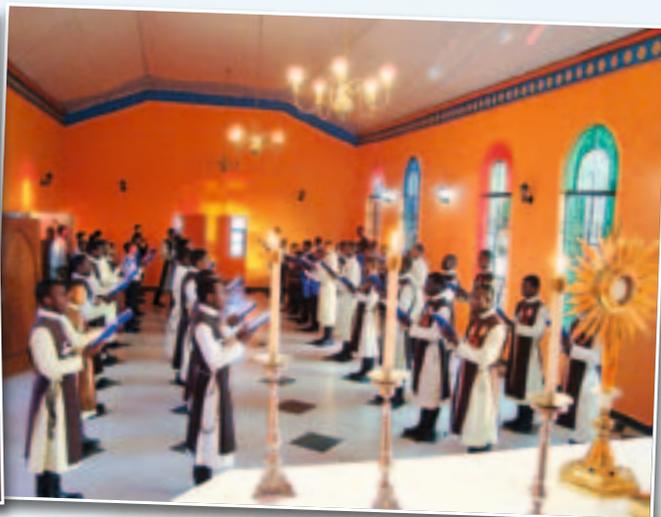
Doado pelo governo da cidade de Matola, o terreno tem vinte mil metros quadrados. O prédio construído, com mil e cem metros quadra-

dos, abriga uma grande capela, salas de aula, refeitório, dormitórios, toilettes, bem como copa e cozinha. Para isso, os Arautos contaram com a ajuda da ONG espanhola Manos Unidas, e das Associações Madona di Fátima (Itália), Custódios de Maria (Portugal) e Salvadme Reina (Espanha).

Na casa residem cinquenta e cinco arautos e trinta jovens vocacionados. Outros sessenta aspirantes a arauto participam regularmente das



Assistência espiritual – Arautos sacerdotes de diversos países viajam regularmente a Moçambique para dar palestras, consolidar vocações e prestar assistência religiosa. Nas fotos, Pe. Antônio Guerra de Oliveira Junior, EP, durante sua última visita a Maputo.



Adoração Eucarística – Também na África, Nosso Senhor Sacramentado atrai eficazmente todos os que d’Ele se aproximam para adorá-Lo. À esquerda, aspirantes fazem oração diante de Jesus Eucaristia, na capela da nova casa de formação. À direita, cântico do Ofício Divino em gregoriano.

atividades. Além do estudo acadêmico, recebem aulas de Catequese, História Sagrada, História Eclesiástica, Sociologia, Psicologia, Filosofia, Teologia e teoria musical.

Já foi formada uma fanfarra com 25 instrumentos de sopro além de dois conjuntos só de percussão. As apresentações musicais são acompanhadas de evoluções coreográficas, muito apreciadas pelo povo africano.

A conclusão da capela representou um marco importante no desen-

volvimento daquele núcleo de arautos, transformando-se a Liturgia no centro da vida comunitária. A adoração eucarística é um dos atos que mais atrai os jovens vocacionados, e, sem dúvida, é também o método mais eficaz de evangelização. Quem melhor que o próprio Jesus, realmente presente sob a aparência das espécies eucarísticas, para atrair as almas e conduzi-las à prática da virtude?

O amplo campo de ação que representa o continente africano e as

grandes esperanças que dele brotam, pedem também muita exigência na seleção das vocações e na sua formação. Se o Evangelho é uma mensagem exigente, também os que são chamados a anunciá-lo devem pautar suas vidas de forma exímia segundo suas máximas. Não é a radicalidade do Evangelho que afasta as almas de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas sim o querer acomodar-se às facilidades do mundo, pois o heroísmo e o desafio atraem os jovens de valor.



Jovens sedentos de doutrina – A avidez de sobrenatural dos jovens africanos torna intenso o dia-a-dia dos arautos. Dar catequese em diversas paróquias, promover reuniões de preparação para os sacramentos e animar as celebrações com cânticos e instrumentos musicais fazem parte das inúmeras atividades evangelizadoras.



Dom Irineu Scherer celebra Missa em encontro do Oratório



O Bispo de Joinville (SC), Dom Irineu Roque Scherer, celebrou a Santa Missa, dia 12 de dezembro, na casa dos Arautos do Evangelho para os participantes do 1º Encontro Regional do Apostolado do Oratório Maria Rainha dos Corações.

Dentre os presentes, se destacavam as Irmãs da Congregação das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada e setenta coordenadores do oratório, representando as seis mil famílias que, todos os meses, recebem nessa cidade a visita de Nossa Senhora em seus lares.

Após a Eucaristia, Dom Irineu abençoou o artístico Presépio que apresenta com som e luz o nascimento do Redentor.



Santana (AP) – Dia 29 de novembro, na Igreja de São Pio de Pietrelcina, foram lançados dezoito novos oratórios do Imaculado Coração de Maria. O pároco, Pe. Jamilson Dias, OFMCap, os abençoou e fez a entrega a cada coordenador.



Guatemala – Seguindo bela tradição, os participantes do Apostolado do Oratório acompanharam a imagem de Nossa Senhora de Fátima em uma peregrinação à Basílica de Cristo Negro de Esquipulas. A romaria culminou com a Eucaristia celebrada pelo Pe. Fernando Néstor Gioia Otero, EP.



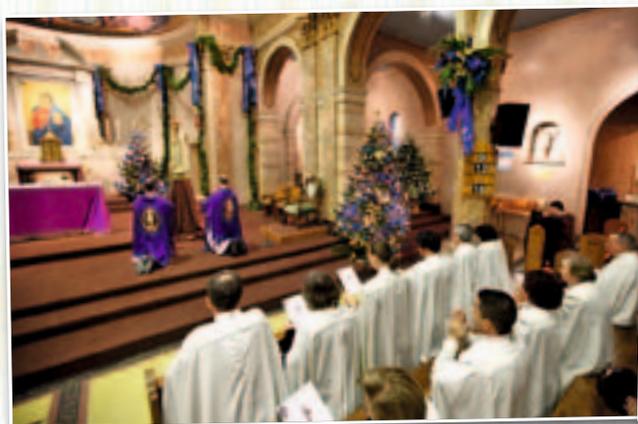
Nicarágua – Com teatro, conversas e uma bela cerimônia de coroação, realizou-se “Uma manhã com Maria”, no auditório Zacarías Guerra, em Manágua. A Santa Missa foi celebrada por Dom Henryk Jósef Nowacki, nuncio apostólico no país. Aarautos da Costa Rica participaram do evento.



El Salvador – Em São Francisco do Monte (foto à esquerda), a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima percorreu os lares dos participantes do Apostolado do Oratório. Em Sensuntepeque (à direita) se realizou nova entrega de oratórios, que já somam quinze em menos de três meses.



Campo Grande (MS) – Durante o período natalino, os Arautos levaram palavra de alento e conforto aos enfermos do Hospital Santa Casa. Foram percorridos mais de 100 leitos com a imagem do Menino Jesus e de Nossa Senhora de Fátima.



Canadá – Cinco novos cooperadores dos Arautos do Evangelho fizeram a consagração a Nossa Senhora e receberam a túnica, na Igreja de Nossa Senhora das Dores, em Toronto. A Missa foi presidida pelo Pe. Marcos Faes de Araújo, EP e concelebrada pelo Pe. François Bandet, EP.



Recife (PE) – Os Arautos do Evangelho participaram da Vigília de Natal na Igreja Nossa Senhora de Loreto. Ao final, ofereceram um concerto de cânticos natalinos.

Portugal – Jovens arautos visitaram 150 idosos da Santa Casa de Misericórdia de Ovar. Vários desses receberam o escapulário das mãos do Pe. Manuel Pires Bastos.



Patriarca de Veneza visita Arautos

O Patriarca de Veneza, Cardeal Angelo Scola, e seu Bispo Auxiliar, Dom Beniamino Pizziol, visitaram a casa dos Arautos do Evangelho em Mira (nas proximidades de Veneza), no dia 5 de dezembro.

Na ocasião, o Procurador Geral dos Arautos do Evangelho, Pe. José Francisco Hernández Medina, EP, descreveu as últimas atividades dos Arautos na Arquidiocese e no mundo. Uma apostila com dados e diversos videoclipes ilustraram a exposição.



Itália – Os Arautos do Evangelho participaram ativamente das tradicionais festas em honra da Imaculada Conceição em Gambarare. A procissão, durante a qual os jovens vestem trajes típicos, foi, pela primeira vez, acompanhada pelo Patriarca de Veneza, Dom Angelo Scola.



Imagem peregrina do
Imaculado Coração de Maria

Mãe digníssima do meu Deus e Soberana minha, Maria. Vendo-me tão desprezível e manchado, não devia ter a altivez de me chegar a Vós e chamar-Vos minha Mãe. Não quero, porém, que as minhas misérias me privem da consolação e confiança de que fico penetrado, dando-Vos este doce nome.

Verdade é que mereço me rejeiteis, mas Vos peço considereis o que fez e sofreu por mim o Vosso Divino Filho Jesus. Depois, rejeitai-me, se o puderdes. Sou miserável pecador. Mais do que os outros ultrajei a Majestade Divina. Ai! o mal está feito. A Vós, que podeis remediá-lo, imploro agora: Vinde em meu socorro, ó minha Mãe.

Não alegueis que não me podeis ajudar, porque sei que sois onipotente e do vosso Deus conseguis tudo o que desejais. Se me respondeis que não quereis socorrer-me, indicai-me ao menos a quem me devo dirigir para ser consolado no excesso da minha angústia.

Apadrinhando-me com Santo Anselmo, ousou dizer a Vós e a Vosso Divino Filho: “Ou apiedai-vos de mim, ó dulcíssimo Redentor meu, perdoadando-me, e Vós, também, ó minha Mãe, intercedendo em meu favor; ou mostrai-me em quem posso achar mais misericórdia e ter mais confiança do que em Vós”. Ah! decerto, a ninguém poderia achar, nem na Terra nem no Céu, que tenha dos desgraçados mais comiseração do que Vós, e possa melhor socorrer-me: porquanto Vós, Jesus, sois meu Pai, e Vós, Maria, sois minha Mãe; amais aqueles que são mais miseráveis, e ides na sua procura para salvá-los.

Digno sou do inferno, pois dos homens sou o mais miserável. Mas não Vos é necessário ir à minha procura. Não pretendo que o façais: apresento-me espontaneamente a Vós na firme esperança de que não me abandonareis. Aqui estou aos vossos pés: ó meu Jesus, perdoai-me; ó Maria, minha Mãe, socorrei-me.

(As mais belas orações de Santo Afonso Maria de Ligório
Petrópolis: Vozes, 1961, p. 461-462)

Deus fala por meio dos homens

Assim como no Antigo Testamento Deus suscitou Jeremias, para admoestar e aconselhar o povo a respeito do caminho que devia seguir, hoje Ele também suscita homens que nos guiem e orientem.



Alejandro Javier de Saint Amant

A destruição de Jerusalém pelas tropas caldeias no século VI a.C. e o posterior exílio para a Babilônia marcam uma grande linha de divisão na história do antigo Israel. De um só golpe, sua existência como nação termina e, com isso, todas as instituições que eram a expressão de sua própria vida coletiva. Com o Estado destruído e o culto oficial suspenso, o país passa a ser, naquele momento, um aglomerado de indivíduos arrancados de suas raízes e vencidos.¹

Como pôde o Povo Eleito, temido por todas as nações em razão do poder de seu invencível Deus, cair em tão espantosa desgraça? Para encontrar os motivos desse acontecimento, de transcendental significado para a História Sagrada e para a exegese bíblica, comecemos por analisar o que poderíamos chamar de “situação internacional” daquela época.

Do apogeu assírio à hegemonia babilônica

O império assírio, que sob o governo de Assaradão (681-670) havia alcançado seu apogeu, durante o reinado de Assurbanípal (669-627) começa a sentir os primeiros sintomas

de decadência. A independência do Egito, levada a cabo por Psamético I em 663, fundador da dinastia XXVI, foi seguida por revoltas na Fenícia e Babilônia. Depois da morte de Assurbanípal, o império entra na etapa final de sua existência.

Aproveitando as disputas pelo trono entre Assuretiliani, seu irmão Sinsariskun e o general Sinshumulisir, o príncipe caldeu Nabopolassar proclama a independência da Babilônia e se faz eleger rei (626-605). A partir dali empreende uma série de ataques contra a Assíria, e em aliança com o rei dos medos, Cíaxares, conquista Assur em 614 e a capital Nínive em 612, onde morre o rei Sinsariskun, filho de Assurbanípal.

O último monarca assírio, Assur-Ubalit II, foge para Haram, onde consegue — apoiado pelo Egito — resistir durante três anos aos ataques de Nabopolassar. Finalmente, em 609, o rei caldeu conquista Haram e o império assírio chega a seu fim, sendo seu território dividido entre os vencedores.

A partir de então o poder da Babilônia começa a estender-se pelo Oriente Médio; sobretudo após a vitória do filho e sucessor de Nabopo-

lassar, o grande Nabucodonosor, sobre o exército do faraó Neco na batalha de Karkemish (605 a.C.).

A Babilônia se havia convertido na soberana de toda a região e passa a gozar da hegemonia sobre o Oriente Próximo.²

Posição do Reino de Judá a favor do Egito

Na luta entre o Egito e a Babilônia, o Reino de Judá sempre se inclinará para o país do Nilo, trazendo como consequência expedições de Nabucodonosor, a última das quais acabou assediando Jerusalém, que foi tomada, saqueada e arrasada.

Durante um ano e meio as tropas caldeias cercaram a cidade, até que, em julho de 587,³ os soldados conseguiram abrir uma brecha nas muralhas e se precipitaram no seu interior. Sedecias, último rei de Judá, conseguiu fugir de noite com alguns soldados, mas foi capturado nas planícies de Jericó e levado à presença do rei caldeu, que estava em Ribla, na alta Síria. Ali, após ser obrigado a assistir à morte de seus filhos, foi cego e levado prisioneiro para a Babilônia, como nos narra o capítulo 52 de Jeremias.

Terminado o cerco, Jerusalém foi devastada pelas tropas comandadas por Nabuzardã. A Bíblia nos diz que alguns judeus fugiram para o Egito (Jr 42-44); um grupo permaneceu na cidade (Jr 39, 10) e um grande número de habitantes foi deportado para a Babilônia (Jr 39, 9). “Pelos caminhos da Meia-Lua Fértil percorria novamente o povo da Promessa, como nos dias de Abraão; porém, não mais com fé e esperança, mas com miséria e abatimento”, comenta ilustrativamente o historiador Henri Daniel-Rops.⁴

Advertência de Jeremias

Durante o tempo que duraram esses acontecimentos, o profeta Jeremias sempre desaconselhou a aliança de Judá com o Egito e pregou, por inspiração divina, a submissão aos babilônios, pois Deus decidira entregar Jerusalém a Nabucodonosor.⁵

Renunciar à sua independência era algo muito duro para o povo judeu, mas essa era a vontade do Altíssimo, como castigo por tantos pecados cometidos. Por isso, apesar do perigo iminente, as palavras do profeta não encontram acolhida entre seus concidadãos.

O rei Sedecias, em um primeiro momento, segue os conselhos divinos. Contudo, como nos narra o capítulo 38 do livro de Jeremias, os inimigos do profeta conseguem persuadir o rei do “perigo” que significam esses oráculos para o povo (v.4). Fica patente a falta de personalidade do rei (v.5), que não tem suficiente valor para opor-se a essa injusta petição e permite que o homem de Deus seja preso em uma cisterna (v.6).

Posteriormente, graças ao etíope Abdemelec, Jeremias é liberado por ordem do próprio soberano (vv.7-10), que tem um colóquio secreto com o profeta no qual se revela muito bem a situação em que se encontra: quer seguir os oráculos divinos para salvar sua vida, mas ao mesmo tempo teme seus oficiais (vv.14-19).

Pelos fins de 589, no “ano nono de Sedecias, no décimo mês” (Jr 39, 1), o rei decide, por fim, rebelar-se contra a Babilônia, provavelmente instigado pelo faraó Hofra.

A catástrofe havia sido detonada.

A verdadeira causa do castigo

No segundo versículo do capítulo 37, o Livro de Jeremias nos aponta com total clareza a verdadeira cau-

sa do castigo sofrido pelo povo judeu: “Nem ele [Sedecias], porém, nem seus súditos e a população da terra escutaram os oráculos que lhes transmitia o Senhor, por intermédio do profeta Jeremias”.

O termo usado no original hebraico para referir-se à desobediência do povo judeu é *shama*, do verbo “escutar”. São Jerônimo, porém, opta na Vulgata pela expressão latina “*non obœdivit*” (não obedeceram), que se mantém em várias das traduções atuais. É interessante notar que não existe oposição entre ambas as versões, dado que o verbo “escutar” tem em hebraico um sentido amplo. Não se trata apenas de prestar atenção, mas também de abrir o coração, pôr em prática, obedecer.⁶

Acentuando a importância deste versículo para a correta compreensão dos acontecimentos posteriores, Schökel e Sicre comentam: “Este verso é programático e abarca o que segue até o fim de uma era. Temos aí dois poderes internos em confrontação: por uma parte, o rei e as pessoas influentes; diante deles, o profeta que esgrime a Palavra de Deus. A última frase nos remete à vocação de Jeremias que, com a palavra, recebe poder ‘sobre os reis’. Podia ser poder para ‘edificar’, a catástrofe era evitável; ao não escutá-lo, o povo provocou o poder ‘para arrancar’”.⁷

Justiça e misericórdia

Alguns comentaristas modernos acusam Jeremias, com argumentos absurdos, de haver-se vendido ao ouro da Babilônia. Outros elogiam sua clarividência política, e não cabe dúvida de que ele foi mais sensato que os políticos de seu tempo. Contudo não foi a sensatez que guiou sua conduta, mas o desejo de cumprir a vontade divina.⁸

Sabendo que Deus é justiça, mas também misericórdia, clamou o quanto pôde por seus irmãos, até que Deus o proibiu de interce-

Otávio de Melo



Após a batalha de Karkemish, Babilônia se converte na soberana de toda a região e passa a gozar da hegemonia sobre o Oriente Próximo

der por eles: “Quanto a ti, não intercedas por esse povo. Não ergas em favor dele queixas ou súplicas e não insistas junto de mim, porque não te escutarei. Não vês o que faz ele nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém? Os filhos juntam lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres sovam a massa para fazer tortas destinadas à rainha do céu, depois fazem libações a deuses estranhos, o que provoca a minha ira” (Jr 7, 16-18).

Apesar de a grande maioria de seu povo se opor, Jeremias teve sempre forças e ânimo para interceder por eles. Se seus contemporâneos tivessem dado importância a suas palavras, a catástrofe teria sido evitada e a tão temida submissão a Nabucodonosor haveria ocorrido em condições muito diferentes.

Deus nos fala na Mesa da Palavra

“Deus nos fala por meio de homens e segundo o modo humano, porque falando assim nos procura”.⁹

Assim como no Antigo Testamento, Deus suscitou Jeremias para advertir o povo judeu sobre o mau caminho que estava tomando e quais seriam as consequências caso não houvesse arrependimento. Ele também hoje suscita homens que nos apontam a vontade divina.

São às vezes simples leigos, mas não é o habitual. É do ambão, Mesa da Palavra, que Deus manifesta habitualmente seus desejos a respeito de cada um e nos inspira a pô-los em prática. Pela voz do pregador, algumas vezes nos anima, revitaliza e ampara; todavia, outras vezes aponta com inclemência nossos pecados, deixando-nos contritos e cheios de pesar.

Em ambos os casos — sobretudo no segundo — o ministro de Deus está atuando como pai, mestre e guia que busca nossa eterna salvação. Pois a justiça e a misericórdia divinas não são opostas, mas se complementam.¹⁰

Assim, pois, se em algum momento sentimos cair sobre nós o merecido peso da punição, recordemos que Deus nunca visa condenar, mas sim edificar. Tenhamos ânimo, procuremos emendar-nos e digamos, como o próprio Jeremias: “Corrigi-me, ó Senhor, mas com equidade, e não com furor, para que não sejamos reduzidos ao nada” (10, 24). ✧



Gustavo Kreijl

Apesar do perigo iminente, as palavras do profeta não encontraram acolhida

“Profeta Jeremias” - Basílica de São Marcos, Veneza

¹ Cf. BRIGHT, John. *História de Israel*. 7.ed. São Paulo: Paulus, 2003, p.411.

² Cf. COUTURIER, Guy P. *Jeremias*. In: *Comentario Bíblico “San Jerónimo”*. Madrid: Cristiandad, 1971, t.I, p.791-792.

³ Não existe unanimidade entre os estudiosos a respeito dessa data; alguns creem que foi em 586. Seguimos a opinião de BRIGHT, op. cit., p.397, nota de rodapé.

⁴ DANIEL-ROPS, Henri. *Historia Sagrada*. Barcelona: Luis de Caralt, 1955, p.229.

⁵ É interessante recordar a descrição que Damien Noël faz da atuação de Jeremias, de um aspecto meramente político: “Jeremias é realista e não derrotista, e menos ainda é um traidor de sua pátria. Suas preocupações virão dos judeus pró-egípcios, não dos babilônios. Viverá o

decênio do reinado de Sedecias na Jerusalém livre, desaconselhando-lhe até o fim a aliança com o Egito” (NOËL, Damien. *En tiempo de los imperios*. In: *Cuadernos bíblicos nº 121*. Navarra: Verbo Divino, 2004, p.15).

⁶ LÉON-DUFOUR, Xavier. *Vocabulario de teología bíblica*. Barcelona: Herder, 1965, p.250.

⁷ SCHÖKEL, Luis Alonso; SICRE, José Luis. *Profetas*. 2.ed. Madrid: Cristiandad, 1987, v.I, p.588.

⁸ Idem, p.410.

⁹ SANTO AGOSTINHO, apud SCHÖKEL y SICRE, op. cit., p.17.

¹⁰ GARCÍA CORDERO, OP, Maximiliano. *Teología de la Biblia*. Madrid: BAC, 1970, v.I, AT, p.250.



BEATO STEFANO BELLESINI, OSA

Sob a égide do “Bom Conselho”

A Mãe do Bom Conselho quis manter junto a Si, na vida e na morte, aquele que foi exemplo e estímulo para uma verdadeira devoção a Ela.



Irmã Juliane Vasconcelos Almeida Campos, EP

Quem visitar o norte da Itália conhecerá o maior centro educacional, científico, financeiro e político do país. Bem nessa região se situa Trento, a capital do Trentino-Alto Ádige, que ainda guarda o aspecto do tempo em que o importante Concílio do século XVI deu vigoroso impulso à Igreja, afirmando-a como Corpo Místico de Cristo.

Dominada pelo Castelo do Bom Conselho, Trento foi também o berço, para a vida terrena, de um membro desse Corpo Místico: Luigi Giuseppe Gioachino Bellesini — o Beato Stefano Bellesini —, cuja festa se celebra no dia 3 do presente mês. Na sua pessoa, a célebre cidade trentina teceria laços com uma humilde e pitoresca cidade do Lazio, Genazzano, também dominada e tornada célebre por outro Bom Conselho, o de Maria, cujo belo ícone é conservado na Basílica-Santuário.

Na perspectiva deste Ano Sacerdotal, conheçamos alguns aspectos da vida desse virtuoso pároco, que bem figura ao lado do Santo Cura

d’Ars — seu contemporâneo e apenas doze anos mais jovem.

Um mundo novo a ser descoberto

Nascido em 25 de novembro de 1774, Luigi foi batizado na mesma igreja onde se celebrara o Concílio havia dois séculos.

Seus progenitores, o casal Bellesini, pertenciam à burguesia acomodada de Trento e gozavam de muito prestígio. O pai, Giuseppe, de caráter reservado, era bom notário, honrado, justo e piedoso. A mãe, Maria Orsola Meichlpeck, belga de família ilustre, dedicava-se totalmente ao esposo e aos filhos. E, contrariamente às senhoras da boa sociedade de seu tempo, ocupava-se pessoalmente dos afazeres domésticos.

Junto com seu irmão Angelo, Luigi frequentava desde criança o convento dos agostinianos na *Piazza Duomo*, pois o prior, o padre Fulgenzio Meichlpeck, era seu tio. Para o caçula dos Bellesini, havia naquele convento de São Marcos um mundo novo a ser descoberto: gostava de entrar no claustro, passear pela colunata secular e respirar seu ar de fé, entre as me-

lódias dos pássaros e dos salmos. Tal ambiente fez desabrochar no coração do menino um grande chamado para a vida religiosa.

Quando a mãe levou Angelo para ser examinado pelo pároco de Santa Maria Maior, a fim de verificar se estava maduro para a Primeira Comunhão, Luigi, que os acompanhava, estava ansioso para ser também interrogado. O sacerdote, observando o pequeno, o examinou e lhe pareceu mais preparado que o irmão, admitindo-o junto aos outros meninos. A mãe objetou, pois ele tinha apenas sete anos, e naquele tempo comungar nessa idade era impensável. Ao que o pároco argumentou: “O desejo de Deus não se mede com a idade”.¹

Começando os estudos, Luigi recebia a ajuda do primogênito da casa — Giuseppe, que se havia ordenado sacerdote e vivia com a família —, especialmente no latim e no grego.

O castelo do Bom Conselho domina a cidade onde nasceu Beato Stefano Bellesini. Ao fundo, vista panorâmica de Trento

Admirava especialmente este irmão, pois desejava ser sacerdote, mas não como ele: queria ser religioso.

Do noviciado ao sacerdócio

Não tinha cumprido ainda os quinze anos o jovem Bellesini quando em Paris caiu a Bastilha e os ecos da Revolução se espalharam por toda a Europa. Trento foi também atingida pelos ventos de revolta e o anseio pelo gozo desenfreado da vida.

Mas Luigi não se deixou levar pelos novos ares. Conservando-se “inimigo de tudo o que se opusesse à conveniência e à decência”,² ia maturando na alma um anseio: a plena consagração a Deus. E para isto, a vida agostiniana lhe parecia o melhor ideal.

Aos 17 anos foi aceito como noviço no convento de São Marcos, onde foi apresentado como sendo “de costumes angélicos, devoto, obediente, assíduo aos Sacramentos, de vida calma e edificante para os próprios religiosos”.³ Seu coração ficou marcado pelas palavras do cerimonial de recepção de hábito: “De agora em diante, deve considerar-

se morto para o mundo, deve renunciar a todo afeto, até mesmo o mais casto, deve viver sobre a terra como um Anjo do Céu”.⁴ A partir de então, recebeu o nome de Stefano.

De Trento foi transferido para Bolonha e, em 30 de maio de 1794, havendo cumprido um ano de noviciado, regressou a São Marcos, onde professou solenemente.

No outono do mesmo ano, viajou até Roma para fazer o curso de Filosofia no convento de Santo Agostinho. Começavam para ele o que chamaria depois de “primeiros anos lógicos”, durante os quais passava longas horas estudando, sem se entregar à dissipação. Após um ano de estudos escolásticos, retornou para Bolonha a fim de cursar Teologia, e o fez merecendo os mais insígnos elogios.

Quando as tropas de Napoleão invadiram os Estados Pontifícios, Stefano teve de deixar Bolonha e regressar a Trento, refugiando-se novamente em São Marcos. Desejava tão ardentemente receber as Ordens Sacras que, ainda débil e convalescente de uma grave enfermidade contraída nas vésperas, fez-se levar de maca para a cerimônia de ordenação sacerdotal, pois não queria adiá-la. Era 5 de novembro de 1797.

Pai e mestre dos pobres

Na primeira década do século XIX, as guerras napoleônicas tornavam especialmente instável a situação política da Itália e conturbavam a existência das instituições religiosas. Em 1809 foram supressos vários conventos, entre os quais o de São Marcos. Padre Stefano decidiu então executar um plano que há tempos vinha elaborando: ser apóstolo da juventude por meio de escolas gratuitas para todas as classes sociais, o que era uma grande novidade em seu tempo.

Começou usando a própria casa da família, o *Palazzo Bellesini*. Lá reuniu

meninos e meninas que, além de nada pagarem, recebiam pão e o que mais necessitassem. Tornou-se ao mesmo tempo mestre e pai de cada jovem. Queria que seus alunos tivessem não só boa instrução escolar, mas também sólida formação cristã, e selecionava os professores segundo esse critério.

Quando ruiu o império napoleônico e os austríacos retomaram o governo da região, foi nomeado Inspetor Geral das escolas da Província de Trento, cargo retribuído com um bom salário, como categorizado funcionário do Estado. Padre Stefano exerceu essa função com o zelo de um santo, empenhando-se de modo especial em preservar a juventude da corrupção.

De volta à vida religiosa

Em 18 de junho de 1815, a batalha de Waterloo marcou o fim do tufão napoleônico, que havia varrido o continente europeu. Em pouco tempo, a situação retomava uma relativa normalidade. Não tardou em chegar a Trento a notícia de que Pio VII retornara a Roma e que os monges começavam a se reinstalar nos respectivos conventos. O padre Stefano viu chegado o momento de voltar à vida comunitária, para a qual havia feito os votos solenes. Mas, como em Trento as portas continuavam fechadas aos filhos do grande Agostinho, em 1817 decidiu partir secretamente para Roma, deixando para trás êxitos e honras.

Sem passaporte, cruzou a fronteira de Ferrara a pé, trazendo na mão apenas o breviário. Passou rezando, quase sem ser notado pelas guardas, mas sua fuga se tornou conhecida pelo governo austríaco o qual, com a promessa de um maior salário e um emprego honorífico, tentou induzi-lo a voltar. Às promessas somaram-se as ameaças: se não reasumisse seu posto, ser-lhe-iam confiscados todos os bens. Mas, nem as promessas nem a ameaça conseguiram demovê-lo de sua resolução!



Em Roma, o padre geral, conhecendo sua capacidade de tratar com os jovens, nomeou-o mestre de noviços. Mas seu desejo era ir logo para Genazzano, onde pressentia que a vida comunitária seria a mais perfeita. Chegou a perguntar-se quais eram os desígnios da Providência que o faziam esperar tanto...

Mestre de noviços exemplar

Embora dotado de forte temperamento, padre Stefano era um excelente mestre de noviços.

Afável com todos, manso, jovial, humilde, espirituoso, suas palavras eram simples e cheias de bom senso. Nas mortificações, era sempre o primeiro, comendo pouquíssimo, tomando vinho só de vez em quando e dormindo em duras tábuas. Mas não deixava de corrigir quando necessário; sabia levar o culpado a reconhecer a própria falta, e dava-lhe os conselhos acertados.

De Roma, padre Stefano foi transferido para Città della Pieve, aonde chegou à vigília de Natal de 1822. Durante sua permanência naquele convento, também como mestre de noviços, sofreu muito com os protestos e bofetões do prior — homem cáustico e temperamental —, que o repreendia na frente de todos. Aceitava as humilhações mansamente, sem palavra de lamento ou desagrado, cumprindo as penitências e ainda fazendo com que os noviços compreendessem as razões do superior.

Entretanto, os grandes de Città della Pieve vinham pedir-lhe conselhos, a começar pelo Bispo, que sempre se confessava com ele.

Por fim, Genazzano!

Alimentando na alma a aspiração de praticar com toda perfeição a re-

gra agostiniana, sempre rezava uma Ave Maria com os noviços em suas intenções, mas eles ignoravam quais eram. Um dia, alguns o fizeram revelar: orava afincadamente para que Deus iluminasse seus superiores a instituírem uma perfeita vida comunitária em qualquer um dos mosteiros da ordem. Mas predisse também que esse cenóbio exemplar seria o de Santa Maria do Bom Conselho, em Genazzano.

De fato, por volta de 1826, o novo Papa Leão XII decidiu que o convento agostiniano de Genazzano seria habitado por aqueles que espontaneamente solicitassem permissão para irem para lá. E o padre Stefano foi dos primeiros a fazer o pedido.

Era novembro quando se integrou na vida comunitária desse convento chamado a ser modelar. Ali, além de continuar com o cargo de mestre de noviços nomearam-no também sacristão. Foram numerosos os testemunhos sobre seu empenho pelo decoro da igreja e do culto, e seu desvelo pela formação dos neófitos. Relatam-se também alguns prodígios por ele operados. Por exemplo, a lamparina que fez acender sozinha ou a inesperada cura de um noviço, pelo qual intercedera junto à *Madonna*.

Último ofício: pároco do Santuário

No ato capitular da Ordem, de 24 de junho de 1831, foi eleito pároco do Santuário, aos 57 anos de idade.

A torre do Santuário da Mãe do Bom Conselho domina a cidade de Genazzano

Em vez de pensar em um merecido repouso, sentiu um *renouveau* de juventude, e multiplicou seus afazeres, inclusive pedindo ajuda aos amigos de Roma e Trento para uma população pobre, faminta e sobrecarregada de impostos.

Era uma gente franca e de fundo religioso, mas cheia de superstições e até mesmo ignorante, sendo preciso entrar no meio deles à busca das almas. Genazzano ainda o recorda como o “pai dos pobres e consolador dos aflitos”. Mais de uma vez doou sua roupa aos pobres. No inverno transportava lenha sobre suas costas — sempre doloridas, devido à hérnia que carregava há anos —, para esquentar as frias choças. Levava-lhes também água, lamparinas e, uma vez, deu seu próprio catre para um enfermo que dormia no chão.

Fez para eles um compêndio do Catecismo, fácil de memorizar, que expunha com precisão os artigos da Santa Fé, adaptados à compreensão do povo. Seu confessionário era muito frequentado e todos se admiravam de sua paciência. Tudo isso sem abandonar o cuidado dos noviços, dos quais continuava sendo mestre.

A vida do Beato Stefano consistia em ser “*tutto a tutti*”: tudo a todos, a começar pelos seus noviços. E a fonte de energia inesgotável para isso eram um contínuo estado de oração e uma ardente e filial devo-

ção à sua querida Mãe do Bom Conselho.

Vítima de sua própria caridade

Em princípios de 1840, uma peste que grassava por toda Itália começou a fazer seus estragos na cidade. Incansável no atendimento aos doentes, o padre Stefano substituiu outros ministros de Deus que se mostravam tímidos e medrosos, indo aonde o chamassem.

Com tanto trabalho, sua saúde já estava algo debilitada. Sofreu duas quedas que lhe deixaram uma ferida na perna e o levaram à cama, com febre. Mas assim que melhorou, seguiu com o ofício de atender os enfermos, até que a peste também o atingiu.

No dia 2 de fevereiro, festa da Purificação de Nossa Senhora e da Apresentação do Menino Jesus no Templo, seu estado de saúde agravou-se. Na hora da Missa solene, o superior estava indeciso se deixava as funções na igreja para acompanhá-lo em seu trânsito, que parecia estar próximo. Mas o doente lhe dissera que não se preocupasse; só quando tudo terminasse começaria sua agonia.

Ele havia implorado à Mãe do Bom Conselho que sua morte ocorresse na festa da Purificação. Chegado o dia, pediu que lhe acendessem uma vela benta, que lhe dessem seus óculos, e tomou nas mãos um manuscrito volumoso, escrito por seu punho e letra, começando a recitar as preces. Rezou a novena da Purificação e quis iniciar o Rosário e a Coroinha de Nossa Senhora da Correia. O padre Francieri, que o assistia, aconselhou-o a não se cansar. Ele respondeu: “Como? Hoje, que me apresentarei para beijar os pés de Maria Santíssima, vou fazê-lo sem haver rezado sua Coroa, a Co-

Vitor Hugo Tonello



Os restos mortais do Beato Stefano Bellesini repousam em uma capela construída em sua honra na Basílica-Santuário da Mãe do Bom Conselho, em Genazzano

roinha e sem ter feito a meditação habitual?”⁶

Terminada a oração, cruzou os braços no peito, apertando forte um crucifixo. Havia posto duas imagens da Mãe do Bom Conselho na cabeceira de seu leito, ao lado esquerdo, e para aquele lado fixou seu olhar. Enquanto cantava-se o Magnificat na igreja, entrou em agonia e pouco depois expirou.

Obediente em vida e depois da morte

Na manhã seguinte foram as exéquias, numa igreja repleta, todos desejando tocar no corpo e obter alguma relíquia. À tarde realizou-se o sepultamento no túmulo comum dos religiosos, detrás do coro, sem caixão ou outro distintivo.

Passados sete meses foi exumado. Do sepulcro não saía nenhum mau odor. O corpo estava flexível, inteiro, exceto o nariz; a carne estava fresca, a chaga da perna se tornara destacada e a faixa que a envolvia ainda estava avermelhada. O cadáver, que deveria ser posto numa

caixa de madeira pequena demais para contê-lo, moveu-se sozinho e se encaixou perfeitamente. O Cardeal Pedecini, que estava presente, exclamou: “O padre Stefano, como foi sempre obediente em vida, mostra-se obediente até depois de morto”⁷.

Voltou a ser sepultado, desta vez em um sepulcro expressamente aberto na nave de Nossa Senhora do Bom Conselho, entre os altares do Espírito Santo e da Assunção, iniciando então uma onda de milagres.

Pio IX introduziu o pedido da causa de Beatificação e, em 1873, foi feito um reconhecimento de seu corpo, ainda incorrupto. Mais tarde, seus despojos — já não em boas condições, por causa de uma

infiltração de água na antiga sepultura — foram levados para uma capelinha construída em sua honra, na Basílica-Santuário. Foi beatificado em 27 de dezembro de 1904, por São Pio X.

A Mãe do Bom Conselho quis manter junto a Si, na vida e na morte, aquele que viveu marcado pela égide do “Bom Conselho”, exemplo e estímulo para uma verdadeira devoção a Ela. ✧

¹ RICCARDI, Duilio. *Un santo fra poveri e ragazzi. Vita del B. Stefano Bellesini*. Milano: Ancora Milano, 1970, p.20.

² Idem, p.24.

³ Idem, p.28.

⁴ Idem, p.28-29.

⁵ STELLA, Vico. *Una vita per gli altri: Beato Stefano Bellesini, parroco agostiniano, (1774-1840)*. Genazzano-Roma: Santuario Madre Del Buon Consiglio, s.d., p.36.

⁶ Idem, p.43.

⁷ Idem, p.44.

A santidade fez parte de seu projeto de vida

Procurando fazer sempre a vontade de Deus, tanto nas coisas grandes quanto nas pequenas, os pais de Santa Teresinha do Menino Jesus deram ao mundo o testemunho da verdadeira alegria: o de crer e viver em Cristo.

Cardeal Jean-Pierre Bernard Ricard

Arcebispo de Bordeaux



Somos convidados a entrar nesse processo de despertar de nossa vida cristã, que o tempo do Advento nos propõe. Para isso, precisamos de auxílio. E quem pode ajudar-nos nesse intento são os pais de Santa Teresinha do Menino Jesus, os Bem-aventurados Luís e Zélia Martin, que são especialmente conhecidos e estimados por vós, aqui em Alençon.

Lendo a história de sua vida, a primeira coisa que me impressiona é o apelo que eles nos fazem a viver a santidade nos atos mais comuns de cada dia. Reconheçamos não ser essa a nossa principal preocupação. Sem dúvida, ouvimos já o Evangelho das Bem-aventuranças, no dia da festa de Todos os Santos. Bem sabemos que a vida cristã tem algo a ver com a santidade... mas daí a querer tornar-se santo há um grande passo que muito frequentemente não queremos dar.

Não é este o caso de Luís e Zélia Martin. A santidade faz parte de seu projeto de vida. Zélia escreveu um dia a suas filhas Maria e Paulina: “Quero ser santa. Não será coisa

fácil. Há muitas arestas a aparar e a madeira é dura como pedra. Melhor seria ter começado mais cedo, quando era menos difícil, mas enfim ‘antes tarde do que nunca’”.

A santidade é a vida cristã tomada a sério

Luís e Zélia compreenderam que a santidade é a vida cristã tomada a sério, a experiência da fé desdobrada ao longo de toda a existência. O segredo de sua vida cristã resume-se nestas palavras: “Primeiro, o serviço de Deus”. Eles nos levam a perguntar-nos: a procura e a descoberta do amor ao Senhor são de fato a bússola de nossa vida?

A vida dos esposos Martin assemelha-se à nossa. Por certo, vem-la hoje marcada pela sua época, pela mentalidade daquele tempo e a cultura de seu ambiente. Fundamentalmente, porém, sua existência se parece com a de milhões de outras: um convívio no qual os temperamentos de Luís e de Zélia, tão diferentes sob certos aspectos, procuram ajustar-se; uma vida de família numerosa; uma pequena empresa que é fon-

te de seu sustento, mas também de muitas preocupações; alegrias do lar; o cuidado com pais idosos; enfermidades e lutos; uma prática fiel da Religião, parecida à de certo número de piedosos católicos praticantes de sua cidade no século XIX.

Entretanto, em seu lar, essa vida cotidiana que nada tem de extraordinário nem de heroico será pervadida pela percepção profunda da misteriosa presença de Deus, pela convicção de dependermos de sua Providência, quer dizer, de que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus. Essa fé que os guia exprime-se numa profunda confiança no amor de Deus por nós. Se o Senhor está presente, se Ele nos ama, se Ele nos guia e guarda, por que ter medo? Deixemo-nos conduzir por Ele. Disse Zélia: “Quando considero tudo quanto Deus — em quem pus toda a minha confiança e em cujas mãos depusitei o cuidado de meus empreendimentos — fez por mim e meu marido, não posso duvidar de que sua Divina Providência cuide de modo particular dos seus filhos”.



Testemunhas da alegria de crer e de viver em Cristo

Em sua última carta, endereçada a seu irmão, alguns dias antes de sua morte, Zélia escreve: “Se a Virgem Santíssima não me cura, é porque chegou a minha hora e o bom Deus deseja fazer-me repousar em algum lugar que não seja a terra”. Luís, por sua vez, vê suas filhas, uma após outra, partirem para a vida religiosa. Corre o risco de ficar só, mas não quer segurá-las para si. Ele vivencia a situação de Abraão, a quem Deus pede o sacrifício de seu filho. Quando, por ocasião da entrada de Teresa no Carmelo, alguém lhe diz que ele nada tem a invejar a Abraão, responde vivamente: “Sim, mas confesso que teria erguido lentamente a faca, esperando o Anjo e o carneiro!”.

Verdadeiramente, Luís e Zélia Martin querem seguir o Cristo que toma o caminho do dom total de si mesmo e conhecem, pela fé, a fecundidade de tal dom.

Refletindo sobre sua vida, vemos quanto é na oração, na Eucaristia, numa regular vida eclesial e numa atenção muito realista para com os outros, que eles haurem, no dia-a-dia, a energia para o dom de si. Eles são, assim, testemunhas da alegria, da verdadeira alegria, a de crer e de viver em Cristo.

Irmãos e irmãs, celebramos nesta manhã a Eucaristia do Senhor. Também nós somos chamados a sairmos do centro de nós mesmos, nos voltarmos para os outros e vivermos um verdadeiro dom de si. Luís e Zélia Martin nos apontam o rumo. Que eles intercedam por nós e nos ajudem a prosseguir, com passo resolutivo, nossa caminhada com o Senhor. Amém. ✧

(Homilia na Missa pontifical de elevação da Igreja de Nossa Senhora de Alençon à categoria de Basílica, 6/12/2009. Texto original em <http://diocesedesez.cef.fr>. Tradução: Arautos do Evangelho)



Buissonnets, residência da família Martin. Em realce: Luís Martin e Zélia Guérin.

E quanto a nós? Vivemos nessa acolhida da presença de Deus em nós? Moramos em Deus como Ele em nós? Deixamos o Senhor estabelecer-nos na confiança e na paz?

Em tudo, fazer a vontade de Deus

Luís e Zélia empenham-se em descobrir o desígnio de Deus a respeito deles, e fazer Sua vontade. Essa procura é o que guia suas decisões ou suas ações cotidianas, tanto nas grandes quanto nas pequenas coisas. E no centro da educação dada às suas filhas está o convite a fazer a vontade de Deus. Eles procuram interpretar, através dos acontecimentos de sua vida, o que Deus quer fazê-los compreender, para poderem dizer “sim”, como a Virgem Maria ao Anjo da Anunciação. Esforçam-se para fazer a vontade de Deus em sua vida de casal, na educação das filhas, no trabalho profissional, nas atividades eclesiais. Não estabelecem uma divisão entre a esfera religiosa e a esfera profana de sua existência. Sabem que sua vida inteira deve ser santificada, precisa transcorrer sob o olhar de Deus.

E quanto a nós? Nossa vida é toda iluminada pelo Evangelho? Tem ela suas zonas de sombra? Suas resistências ao Espírito Santo? Aproveitemos este tempo para nos colocarmos na luz de Deus.

Zélia e Luís procuram, cada qual a seu modo e cada qual nas diferentes etapas de sua existência, discernir a atitude de fé que Deus deles espera. Perante o perigo de morte que espreita este ou aquele de seus filhos recém-nascidos, diante da aparição do câncer em Zélia, ou da enfermidade cerebral em Luís, eles rogam ao Pai, como Jesus no Horto das Oliveiras, para afastar esse cálice, mas logo, como Ele, acrescentam: “Faça-se, porém, a vossa vontade, e não a minha”. Zélia diz às suas filhas: “Devemos pôr-nos na disposição de aceitar generosamente a vontade do bom Deus, qualquer que seja, pois ela será sempre o que de melhor pode haver para nós”. Não se veja nessas expressões alguma manifestação de masoquismo ou de mórbida complacência sacrificial. Luís e Zélia procuram a atitude justa para dar-se a Deus e ao próximo.



“Bibliografia Missionária”

Fides – A Biblioteca da Pontifícia Universidade Urbaniana publicou o volume LXXII da *Bibliografia Missionária* relativa ao ano de 2008.

Esta obra, única em seu gênero, oferece uma rica documentação de livros e artigos relativos ao mundo missionário em seus vários aspectos, tanto históricos quanto contemporâneos: congregações religiosas, congregações missionárias, territórios de missão, metodologia missionária, diálogo inter-religioso, ecumenismo, novos movimentos religiosos.

Bibliografia Missionária foi fundada em 1925 pelo Pe. Johannes Rommerskirchen, OMI, e desde 1978 é unida à biblioteca da Pontifícia Universidade Urbaniana. O responsável atual é Pe. Marek Rostrowski, OMI.

Primeira formatura de teólogos leigos

Gaudium Press – A diocese de Toledo, no Paraná, formou em 10 de dezembro a primeira turma de sua Escola de Teologia para Leigos. A cerimônia, com 100 graduados, ocorreu na Catedral Cristo Rei e foi marcada pela renovação do compromisso cristão de evangelizar.

Oferecendo condições para que os alunos melhorem sua formação bíblico-teológica e pastoral, a Escola pretende contribuir para a evangelização dos leigos, fazendo com que sua ação seja mais incisiva nos movimentos e pastorais, proporcionando-lhes ferramentas para atuar co-

mo multiplicadores de formação de outros agentes de evangelização.



Papa atrai milhões de visitantes

VIS – No ano de 2009, cerca de 2.244.000 pessoas participaram das audiências gerais ou privadas, das recitações do *Angelus* e das Missas celebradas pelo Santo Padre.

Segundo a Prefeitura da Casa Pontifícia, mais de meio milhão de fiéis assistiram às audiências gerais de quarta-feira, que tiveram uma afluência maior em abril, e o *Ângelus* dominical atraiu 1.120.000 pessoas. Estas cifras são aproximativas, pois — diferentemente do que ocorre nas outras cerimônias — não é possível fazer uma contagem exata dos presentes na Praça de São Pedro, por meio de bilhetes de entrada.

Os números acima concernem apenas os visitantes do Papa no Vaticano e em Castel Gandolfo. No decorrer de suas visitas às paróquias romanas, de suas visitas pastorais em território italiano e de suas viagens apostólicas fora da Itália, Bento XVI é cercado de grandes multidões.



Filmoteca Vaticana – Imagens do Concílio

Para comemorar o 50º aniversário de fundação da Filmoteca Vati-

cana, o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais lançou em 3 de dezembro um DVD intitulado *A Filmoteca Vaticana – Imagens do Concílio*.

Com 60 minutos de gravação, o DVD apresenta uma seleção de trechos do excepcional acontecimento eclesial que foi o Concílio Vaticano II.

Criada em 1959 com a finalidade de recolher e conservar películas sobre a vida da Igreja, a Filmoteca Vaticana conta hoje com um acervo de 7.000 títulos catalogados, abrangendo um período de mais de 110 anos. “Um rico patrimônio cultural, que pertence a toda a humanidade” — afirmou o Papa Bento XVI.

Na página web da Cidade do Estado do Vaticano (<http://www.vaticanstate.va>), seção Filmoteca Vaticana, estão disponíveis filmes históricos sobre os Pontífices e as atividades da Igreja, entre os quais um de 1896, que apresenta cenas do Papa Leão XIII.



Reeleito o presidente da União dos Superiores Gerais

O Pe. Pascual Chávez Villanueva, Reitor-Mor dos Salesianos, foi reeleito Presidente da União dos Superiores Gerais (USG) para o triênio 2009-2012. A votação ocorreu durante a Assembleia Geral da USG, celebrada em 27 de novembro, no *Salesianum*, de Roma e o

plebiscito quase unânime indicou a estima e o apreço pelo trabalho realizado pelo Pe. Chávez nos últimos anos.

Para Vice-Presidente foi escolhido Pe. Josep María Abella Batlle (Claretianos), e como membros do conselho: Pe. Thomas Handgraetiner (Cônegos Regulares Premostratenses), Pe. Bruno Marín (Benedictinos Sublacenses), Pe. José Rodríguez Carballo (Ordem dos Frades Menores), Pe. Adolfo Nicolás (Companhia de Jesus), Pe. Rino Benzoni (Xaverianos), Pe. Javier Álvarez-Osorio (Congregação SS. Corações - Pícpus), Pe. José Ornelas Carvalho (Dehonianos), Pe. Mario Alde-

gani (Josefinos de Murialdo), Pe. Kieran O’Rielly (Sociedade das Missões Africanas) e Ir. Emili Turú (Irmãos Maristas).



Correios homenageiam Arcebispo de Mariana

O Arcebispo de Mariana (MG) e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB),

Dom Geraldo Lyrio Rocha, foi homenageado pelos Correios com um selo comemorativo de seus 25 anos de episcopado.

O ato realizou-se por ocasião da Missa celebrada em 18 de dezembro na Igreja de São Pedro dos Clérigos, da qual participaram o prefeito de Mariana, Roque Camello, e outras autoridades municipais.

Notícias da CNBB no Twitter

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil lançou seu perfil no Twitter, o conhecido serviço popular de “microblog”.

“Não é possível, hoje, ficar fora da convergência das mídias. A Igre-

Descoberta em Nazaré uma casa da época de Jesus

Arqueólogos israelenses descobriram na cidade de Nazaré, a poucos metros da Basílica da Anunciação, os restos de uma casa do tempo de Jesus. Trata-se de uma residência modesta, constituída de dois cômodos e um pátio com uma cisterna. A descoberta foi feita no local onde a Associação Maria de Nazaré está atualmente construindo um centro internacional multimídia dedicado a Maria.

Segundo declarações feitas à imprensa em 21 de dezembro por Yardená Alexandre, responsável pelas escavações, trata-se de uma construção típica dos habitantes de Nazaré no primeiro século da Era Cristã. “A descoberta é de absoluta importância, porque lança luz sobre a forma de viver na época de Jesus” — afirmou ela. Os arqueólogos encontraram também fragmentos de cerâmica, do tipo daqueles que eram usa-



Pôr de sol em Nazaré

dos pelos moradores da região de Nazaré.

Segundo a tradição, a Basílica da Anunciação ergue-se no local da casa onde o Anjo Gabriel apareceu à Virgem Maria e Lhe comunicou que Ela fora escolhida para ser a Mãe do Redentor. Construída sobre as ruínas de dois edifícios anteriores — um do século IV e outro do século XII —, foi inaugurada em 1964 pelo Papa Paulo VI. Em 14 de maio de 2009 o Santo Padre Bento XVI nela celebrou as Vésperas com os Bispos, sacerdotes, religiosos, membros dos movimentos eclesiais e agentes pastorais da Galileia. “É para mim motivo de profunda emoção estar presente convosco hoje, precisamente no lugar onde a Palavra de Deus Se fez carne e veio habitar no meio de nós” — afirmou, no início de sua homilia.

ja também quer seguir este caminho porque entende que, desta forma, a informação pode chegar a todos de maneira mais rápida” — explicou o assessor de imprensa da CNBB, Pe. Geraldo Martins Dias.

Através do Twitter, o órgão representativo dos Bispos brasileiros objetiva informar o que acontece nas paróquias e dioceses do Brasil e do mundo, além de reafirmar a presença da Igreja nas mídias sociais difundidas na internet.

Segundo o Pe. Geraldo Martins, o Twitter da CNBB (www.twitter.com/CNBBNacional) “é uma prova de quanto a Igreja reconhece a força das novas tecnologias da comunicação e de sua importância na evangelização”.

L'Osservatore Romano



Primeiro encontro entre o Papa e um presidente vietnamita

Rádio Vaticano – Bento XVI recebeu em audiência, no dia 11 de

dezembro, o Presidente da República Socialista do Vietnã, Nguyen Minh Triet. Trata-se do primeiro encontro entre um presidente vietnamita e o pontífice.

Segundo comunicado da Sala de Imprensa do Vaticano, “a Santa Sé manifestou satisfação pela visita, significativa etapa para o progresso das relações bilaterais com o Vietnã, e fez votos de que as questões pendentes possam ser resolvidas sem mais tardar”.

Os cordiais colóquios — refere a nota da Sala de Imprensa da Santa Sé — “permitiram tocar alguns temas relativos à cooperação entre Igreja e Estado, também à luz da mensagem que o Santo Padre enviou à Igreja no Vietnã” por ocasião da recente abertura do Ano Jubilar.

Últimas estatísticas da Igreja na China

Fides – As últimas estatísticas da Igreja católica na China continental, redigidas pelo *Faith Institute for Cultural Studies*, mostram que em 8 de dezembro de 2009 os católicos no país eram cerca de 6 milhões, assistidos pastoralmente por 3.397 Bispos, sacerdotes e diáconos. Entre eles há 3.268 sacerdotes atuando em centenas de dioceses. Mais de 300 são jovens sacerdotes religiosos de con-

gregações internacionais presentes na China. Além disso, 628 seminaristas maiores estudam em 18 seminários, 630 seminaristas menores se preparam nos 30 seminários propedêuticos ou menores. As religiosas que emitiram os votos são 5.451, divididas em 106 congregações.

A comunidade católica continental administra 381 estabelecimentos caritativos (fora os centros para leprosos). Entre eles, há 220 clínicas, 11 hospitais, 81 asilos para idosos, 44 asilos, uma escola superior, 2 institutos de formação profissional, 22 orfanatos e centros para crianças portadoras de deficiência, 3 centros de reabilitação, 34 centros de serviço social. Oitenta religiosas trabalham em vinte estabelecimentos do governo que acolhem os leprosos.

Igreja cresce na Bielorrússia

Desde o desmantelamento da União Soviética a Igreja Católica vem crescendo na Bielorrússia, pequeno país da Europa Oriental, de pouco mais de 10 milhões de habitantes, 14% dos quais são católicos. Atualmente, os cerca de 1.400.000 católicos estão agrupados em uma arquidiocese, três dioceses e 450 paróquias. Estão em funcionamento dois seminários com 90 seminaristas, além de 60 outros nos seminários religiosos.



APOSTOLADO DO ORATÓRIO MARIA RAINHA DOS CORAÇÕES

**SEJA TAMBÉM UM COORDENADOR DO
ORATÓRIO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA!**

ENTRE EM CONTATO CONOSCO POR:

TEL.: (11) 2971-9060

RUA FRANCISCA JÚLIA, 182 - CEP 02403-010 - SÃO PAULO-SP

E-MAIL: admoratorio@arautos.org.br

Em 17 de dezembro passado, os Bispos desse país foram recebidos em audiência pelo Papa Bento XVI, por ocasião da visita *ad limina*. Entre outras manifestações de incentivo e orientação, disse-lhes o Pontífice: “Convido-vos a vigiar cuidadosamente para que os candidatos ao sacerdócio recebam uma formação espiritual sólida e rigorosa, e sejam devidamente orientados a fazer uma verificação séria e profunda do chamado de Deus”.

A evangelização expande-se também através dos meios de comunicação: quatro estações de rádio e um site na internet (www.catholic.by) que publica notícias em bielorrusso, alemão, russo e polonês, e é visitado diariamente por cerca de 14 mil fiéis. “Para nós, ele é como uma grande paróquia”, declarou à *Zenit* Dom Tadeusz Kondrusiewicz, Arcebispo de Minsk.

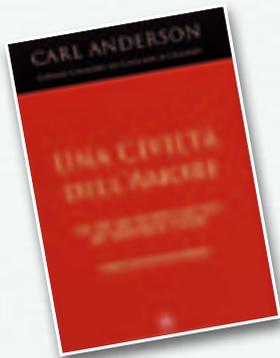
Violências contra a Igreja no Congo

Fides – Mais violências contra a Igreja em Bukavu, capital do sul do Kivu, no leste da República Democrática do Congo. Segundo um comunicado que chegou à agência *Fides*, na noite de domingo, 13 de dezembro, o Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, de Muresa, foi novamente invadido por homens armados. Os agressores fugiram da polícia, que vigia a área após o ataque sofrido pelo mesmo mosteiro em 7 de dezembro, quando foi morta a Irmã Denise Kahambo Murahirwa.

“A longa e dolorosa série de massacres, estupros, incêndios de vilarejos, sequestros, furtos, saques... cuja vítima é a população civil do Kivu, já é conhecida por todos e só faz aumentar” — escreve a rede *Paz para o Congo*, animada pelos Missionários Xaverianos.

“Como se pode constatar, provavelmente não se trata mais de casos isolados de banditismo, e é preciso

questionar se isso não faz parte de um plano preestabelecido, de atingir e desestabilizar as forças vivas da sociedade, começando pela Igreja, para pôr em prática projetos criminosos inconfessáveis. E mesmo se se tratasse somente de atos criminosos selvagens, pergunta-se ao que eles visam, a partir do momento em que a justiça não sabe, ou não quer, encontrar os responsáveis”, afirmam os missionários.



Lançada edição italiana do livro “Uma Civilização do Amor”

Durante cerimônia realizada na sede da Rádio Vaticano em 9 de dezembro, foi lançada a edição italiana do livro *Uma Civilização do Amor*, de Carl Anderson, Cavaleiro Supremo dos Cavaleiros de Colombo, a maior organização eclesial leiga do mundo.

Esta obra leva-nos a “redescobrir o compromisso para construir a civilização do amor como algo constitutivo de nossa própria identidade enquanto povo e especialmente enquanto cristãos”, frisou o Cardeal Stanisław Ryłko, presidente do Conselho Pontifício para os Leigos.

Editado originalmente em inglês sob o título de *A Civilization of Love*, o livro de Carl Anderson figurou em oitavo lugar na lista de *Best Sellers* da rede de livrarias Barnes & Noble no ano de 2008. Para escrevê-lo, o autor inspirou-se nos apelos a construir “uma civilização da vida”, feitos pelos Papas João Paulo II e Bento XVI.

TV árabe prepara documentário sobre a Santa Sé e o Papa

A cadeia árabe de televisão Al Jazeera, em colaboração com o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, está preparando um documentário sobre a Santa Sé e a figura do Papa. O projeto, que recebeu boa acolhida no Vaticano, objetiva apresentar ao mundo muçulmano a realidade do Vaticano.

Para o jornalista Mohamed Kenawi, que entrevistou em 9 de dezembro o Secretário de Estado da Santa Sé, Cardeal Tarcisio Bertone, esse documentário “pode servir para dar a conhecer melhor, no mundo árabe, a figura do Papa e o papel da Santa Sé no atual cenário internacional”.

Na entrevista, o Cardeal Bertone afirmou que o diálogo entre católicos e muçulmanos é “um importante fator de paz e respeito”, e lançou um apelo pela pacífica convivência entre as duas religiões.

O documentário terá cerca de 20 minutos de duração e deverá ser levado ao ar em maio próximo.

Graves restrições à liberdade religiosa

Quase 70% da população mundial — aproximadamente 4,76 bilhões de pessoas — vivem em países com “elevadas ou muito elevadas” restrições à liberdade religiosa, segundo um estudo feito pelo *Pew Research Center*, de Washington, que analisou a situação existente em 198 nações.

Em alguns países tais restrições são promovidas pelo governo; em outros, elas se efetivam através de hostilidades de grupos privados contra os indivíduos ou as organizações religiosas; em outros, por fim, juntam-se esses dois tipos.

No grupo das 25 nações mais habitadas da terra, destacam-se Índia, Paquistão, Irã, Egito e Indonésia como as que mais opõem obstáculos

ao exercício da liberdade religiosa. Itália, Grã Bretanha, Estados Unidos, África do Sul, Japão e Brasil alinham-se entre as menos restritivas.

A pesquisa do *Pew Center* abrange dados coletados em 16 instituições governamentais — entre as quais o Departamento de Estado norte-americano e a ONU — e não governamentais, como a *Human Rights Watch*.



Jornal espanhol distribuí semanalmente “L’Osservatore Romano”

A partir de 27 de dezembro, a edição hebdomadária em espanhol de *L’Osservatore Romano* circula na Espanha inserida na edição dominical do diário *La Razón*. Esta é a primeira vez que um jornal de projeção internacional se propõe a distribuir, sem custo adicional para os leitores, o órgão oficioso do Vaticano. A iniciativa obteve boa receptividade nos meios intelectuais, acadêmicos, religiosos, políticos e empresariais espanhóis.

“Santidade, para nós é uma grande honra participar deste projeto que, esperamos, servirá para uma maior difusão e um melhor conhecimento dos princípios da Fé católica” — declarou a Bento XVI José Manuel Lara, presidente do Grupo Editorial Planeta, em audiência da qual participaram também o Cardeal Antonio Cañizares, prefeito da Congregação para o Cul-

to Divino, o presidente de *La Razón*, Mauricio Casals, e o diretor de *L’Osservatore Romano*, Prof. Gian Maria Vian.

Brutal ataque contra uma igreja no Sri Lanka

Um grupo de budistas extremistas atacou brutalmente em 6 de dezembro a Igreja de Nossa Senhora Rosa Mística, situada em Crooswatta, na diocese de Colombo, capital do Sri Lanka. Logo após o término de uma Missa dominical, cerca de 200 homens armados de espadas, paus e pedras invadiram o templo, destruíram o altar e quebraram as imagens e os móveis.

O pároco, Pe. Jude Denzil Lakshman, foi atacado com uma espada, sob brados de pessoas enfurecidas: “Mate-o! Corte-o em pedaços!”. Conseguiu livrar-se graças ao pronto auxílio de um jovem fiel. Os atacantes incendiaram o carro do Pe. Jude e vários outros veículos. “É evidente que o ataque foi bem planejado e que os agressores estavam à espera de que os fiéis saíssem da igreja após a Celebração Eucarística”, comentou ele.

Cáritas espanhola ajuda países em dificuldades

A Equipe Diretora da Cáritas Espanhola aprovou nas últimas semanas do ano findado um pacote de ajudas para programas de emergência e projetos de cooperação em diversos países, num total de 1.700.000 euros.

No item “programas de emergência”, foram liberadas verbas de 200.000, 100.000 e 256.000 euros para fazer frente aos pedidos de ajuda formuladas pelas Cáritas de Darfur (Sudão), Afeganistão e Maurítânia.

No item “cooperação”, serão atendidos projetos de educação e de saúde em diversos países do Leste Europeu, África, Ásia e América Latina.



Rádio Vaticano lança “Voz de Anchieta”

Em homenagem ao Apóstolo do Brasil, o Programa Brasileiro da Rádio Vaticano começou a dedicar um espaço, no dia 9 de cada mês, à *Voz de Anchieta*, programa no qual é declamado e comentado um trecho do seu famoso *Poema da Virgem*.

De Beata Virgine Dei Matre Maria — é este seu título original — compõe-se de 5.785 versos em latim e é o maior poema em louvor à Virgem Maria. Segundo narra a tradição, Anchieta o escreveu em 1563 na areia da praia de Iperoig (em Ubatuba, no litoral paulista), memorizou e mais tarde transcreveu para o papel.

O santo missionário jesuíta encontrava-se nessa ocasião como refém dos índios Tamoios e, conhecendo bem os riscos a que estava exposto, recorreu à proteção da Virgem Mãe de Deus, prometendo-Lhe compor em sua honra um poema. E na certeza de que sua súplica seria atendida, começou a escrevê-lo imediatamente.

O Beato José de Anchieta nasceu em Tenerife (Espanha) em 1534 e chegou ao Brasil em 1553, como jovem noviço da Companhia de Jesus. Faleceu em 1597, após 44 anos de árduas atividades apostólicas entre os indígenas brasileiros. Foi beatificado em 1980.

Almoço do Papa com os pobres, na Comunidade Santo Egídio

VIS – Após a recitação do *Angelus* no domingo, 27 de dezembro, o Santo Padre dirigiu-se ao refeitório da Comunidade Santo Egídio, no bairro romano do Trastevere, para almoçar com 150 pessoas, entre voluntários dessa Instituição e pessoas necessitadas.

Bento XVI compartilhou sua mesa com doze pessoas, entre as quais uma família de ciganos, um refugiado afegão xiíta, um ancião de 90 anos e um jovem de 25 anos, paralítico desde o nascimento e abandonado por sua família.

“Estar com vocês — disse o Papa — é uma experiência comovedora; é estar com os amigos de Jesus, porque Jesus ama aqueles que sofrem, as pessoas em dificuldades. Escutei durante esta refeição histórias dolorosas e carregadas de humanidade. [...] Aqui estou para dizer-lhes que sinto-me próximo de vocês e lhes quero muito.

“Também a família de Jesus enfrentou dificuldades desde seu início, sofreu por não encontrar hospitalidade, viu-se obrigada a emigrar para o Egito, devido à violência do rei Herodes. Vocês também conhecem o sofrimento, mas têm aqui alguém que os ajuda, um ou outro inclusive encontrou sua família graças ao cuidadoso serviço da Comunidade de Santo Egídio, que apresenta um sinal do amor de Deus pelos pobres. Aqui se pas-



sa hoje o mesmo que acontece nos lares: quem serve e ajuda mistura-se com quem é ajudado e servido, e quem ocupa o primeiro lugar é aquele que mais necessita.

“Nesta época de grandes dificuldades econômicas — acrescentou o Santo Padre — todos nós devemos ser símbolos de esperança e testemunhos de um mundo novo para aqueles que, fechados em seu egoísmo, julgam que podem ser felizes sozinhos, e vivem com tristeza ou com uma alegria efêmera que deixa vazio o coração”.

Em seguida, Bento XVI descerrou uma placa comemorativa de sua visita e regressou ao Vaticano.



Ilustrações: Edith Petticlerc / Foto: Gustavo Kraijl



A flor da sinceridade

“Meu filho, vá até o imperador e conte-lhe a verdade. Se rirem de você, não se incomode; mais vale dizer a verdade do que inventar uma mentira qualquer para evitar uma caçoada”.



Irmã Lucía Ordoñez Cebolla, EP

Conta-se que esta bela história aconteceu há muitos e muitos anos em Nanquim, uma milenar cidade chinesa situada aos pés da Montanha Púrpura e circundada pelo rio Azul, o famoso Yang-Tsé.

Vivia ali um menino muito inteligente e vivaz chamado Ling. Sua família havia sido convertida por um sacerdote jesuíta e fazia parte da pequena comunidade católica chinesa daquela época. Logo que a criança veio ao mundo, seus pais a batizaram e inculcaram-lhe, desde a mais tenra idade, o amor à verdade, à beleza e ao bem.

Jamais Ling havia dito uma mentira. Gostava de admirar as belas paisagens da cidade, sobretudo ao entardecer, em que o sol pintava de dourado, vermelho e lilás o céu tão azul de Nanquim. Muitos elogiavam sua singular inteligência, mas ele não prestava atenção. Sabia que este era apenas um dom que Deus lhe havia dado para servi-Lo, e o

que mais ele queria era ser um menino bom.

Ao completar nove anos, fez sua Primeira Comunhão com muito entusiasmo, juntamente com outros companheirinhos. A festa havia sido inesquecível, mas o que mais lhe havia marcado era sentir a presença do próprio Deus vivo em seu inocente coração.

Encantava-lhe a natureza e dedicava-se com esmero à jardinagem. As flores eram suas preferidas. Todas as que ele plantava nasciam com muito viço e formosura, pois conhecia os segredos desta bela arte e exercia-a com muito amor, ciente de que na natureza se reflete a beleza de Deus.

Naquele tempo, o imperador chinês estava ficando velho e tinha um grave problema: não possuía herdeiro. Morreria sem deixar descendência? À medida que passavam os anos, mais ele se preocupava: quem seria seu sucessor?

Um dia de primavera, veio ele a Nanquim para visitar o Xiaoling, o fa-

moso túmulo de seus antepassados. Passeando pelos imensos bosques e jardins que rodeiam a grandiosa construção, teve uma brilhante ideia para resolver seu problema de sucessão: iria organizar entre todas as crianças do império um concurso de flores.

Mandou um aviso a cada um dos recantos de seu território convocando todas as crianças para comparecer em seu palácio, e as recebeu em um de seus jardins, tão belamente cuidado que cada vegetal parecia uma joia. Lá, cada um dos participantes recebeu uma semente junto com o encargo de fazê-la germinar e cuidá-la durante um ano. Na primavera seguinte, deveriam apresentar-se no palácio levando as plantas que delas nasceram. Aquela que tiver conseguido a mais bela flor tornar-se-ia a herdeira do trono. Todas as crianças ficaram eufóricas, cada uma já sonhando com um belo palácio, magníficas roupas, excelentes comidas, tudo o que imaginavam da deliciosa vida de imperador.

Ling, com toda candura e sinceridade, narrou ao imperador os cuidados que tivera com sua sementinha



Ling tinha certeza de que, ao ano seguinte, conseguiria levar ao palácio algo muito especial. Com todo cuidado plantou sua sementinha e a cada manhã a regava. Passaram-se vários dias... e nada! Passou um mês... e nada! Chegou o outono... e nada! Transferiu-a para outro vaso e redobrou os cuidados, mas a semente continuava sem germinar.

Passou o inverno e outra vez chegou a primavera. Ling só tinha um vaso cheio de terra, sem nenhuma flor. Não entendia o que estava acontecendo e não sabia o que fazer!

Afinal, chegou o grande dia de se apresentar ao imperador. Todas as crianças se engalanaram para visitar o palácio, levando suas magníficas flores. Só Ling estava com as mãos vazias! Pôs-se, então, a chorar!

Seu pai, porém, lhe aconselhou:

— Meu filho, você fez o melhor que pôde durante todos esses meses, e não obteve mais que isso: um vaso cheio de terra. Vá até o imperador e conte-lhe o acontecido. Se ri-

rem de você, não se incomode, mais vale dizer a verdade do que inventar uma mentira qualquer para evitar uma caçoada.

O menino partiu em direção ao palácio. Chegando lá, Ling encontrou-se com centenas de crianças conduzindo as plantas mais exuberantes e exóticas, como bromélias, orquídeas e “aves do paraíso”, até as mais singelas azaleias e violetas. Todos os vasos continham, pelo menos, uma flor. Só o portado por Ling estava vazio! Os olhares das crianças caíam sobre ele e os risos e cochichos se faziam ouvir.

O soberano olhava atento as inumeráveis flores de rara beleza. Mas seus olhos buscavam algo que parecia não encontrar... De repente, avistou o menino com o vaso vazio e o chamou a si. Indagou-lhe o motivo de seu insucesso.

Ling, com toda candura e sinceridade, narrou ao imperador todos os cuidados que tivera com sua sementinha, como a havia regado, afogado a terra, trocado-a de vaso, posto

ao sol, mas nada havia brotado dela. Desapontado, o menino terminou dizendo que havia feito o melhor que pudera, mas pedia perdão ao imperador por nada ter conseguido.

O imperador, sorrindo, declarou solenemente:

— Afinal encontrei o herdeiro do trono!

Ling estava perplexo e as outras crianças também. Mas o imperador continuou:

— Não sei o que vocês fizeram para conseguirem flores tão belas, exóticas e exuberantes... Ling foi o único honesto! Todas as sementes que distribuí haviam sido cozidas anteriormente, portanto de nenhuma poderiam haver germinado. Ling foi o único que não se envergonhou de dizer a verdade, embora sofresse o ridículo diante de todos. Sua honestidade deve ser premiada. Declaro que ele será o futuro imperador, pois venceu o concurso, trazendo-me a mais bela flor entre todas as que aqui se encontram: a flor da sinceridade! ✧

OS SANTOS DE CADA DIA

© Santiebeati.it



Beata Isabel Canori Mora

1. Santo Agripano, Bispo e mártir (†séc.VII). Combateu os arianos na diocese de Puy-en-Velay. Foi martirizado por idólatras em Chiniac, França.

2. Apresentação do Senhor.

Beata Maria Catarina Kasper, virgem (†1898). Fundou em Dernbach, Alemanha, o Instituto das Servas Pobres de Jesus Cristo.

3. São Brás, Bispo e mártir (†cerca de 316).

Santo Oscar, Bispo (†865).

Santa Berlinda, virgem (†ss. IX-X). Filha de Odolardo, duque da Lotaringia e sobrinha de Santo Amândo. Ingressou no mosteiro de Moorssel, Bélgica, e posteriormente abraçou a vida eremítica em Meerbeke.

4. Santo Isidoro, presbítero (†cerca de 449). Desejando imitar a vida de São João Batista, abandonou o mundo e fez-se monge na região de Pelúcio, Egito. Interveio nas controvérsias da heresia nestoriana.

5. Santa Águeda, virgem e mártir (†cerca de 251).

Beata Isabel Canori Mora, mãe de família (†1825). Suportou pacientemente a infidelidade e os maus tratos de seu marido. Ingressando na Ordem Terceira da Santíssima Trindade, ofereceu sua vida como vítima pelo Papa, pela santificação da Igreja, a conversão dos pecadores e a salvação de seu esposo.

6. São Paulo Miki e companheiros, mártires (†1597).

São Vedasto, Bispo (†cerca de 540). Por ordem de São Remígio, instruiu o rei Clóvis no Cristianismo. Durante 40 anos foi Bispo de Arras, França, onde levou a cabo a obra de evangelização dos pagãos daquela região.

7. V Domingo do Tempo Comum.

Santo Egídio Maria de São José, religioso (†1812). Desempenhou no mosteiro franciscano de Nápoles os ofícios de cozinheiro, porteiro e esmoleiro. Frequentemente assistia os moribundos, preparando-os para receber os últimos Sacramentos.

8. São Jerônimo Emiliano (†1537).

Santa Josefina Bakhita, virgem (†1947).

Beata Josefina Gabriela Bonino, virgem (†1906). Fundou em Savigliano, Itália, a Congregação da Sagrada Família de Nazaré, dedicada à educação dos órfãos e assistência aos enfermos pobres.

9. Santos Primo e Donato, diáconos e mártires (†cerca de 361). Apedrejados pelos donatistas quando defendiam um altar contra o ataque desses hereges.

10. Santa Escolástica, virgem (†547).

Beata Eusébia Palomino Yenes, virgem (†1935). Filha de pobres camponeses espanhóis, trabalhou em diversas casas de família até ingressar na Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora.

11. Nossa Senhora de Lourdes.

Santa Sotéria, virgem e mártir (†cerca de 304). Como atesta Santo Ambrósio, ela renunciou às honras e riquezas de uma nobre estirpe, por amor à Fé. Recusando-se a imolar aos ídolos, foi morta à espada após sofrer inúmeras torturas.

12. São Melézio, Bispo (†381). Governou a igreja de Antioquia. Por observar as normas do Concílio de Niceia, foi exilado várias vezes. Morreu quando presidia o Primeiro Concílio Ecumênico de Constantinopla. Suas virtudes mereceram-lhe grandes elogios de João Crisóstomo e São Gregório de Nissa.

13. São Cástor, presbítero e eremita († séc. IV). Após algum tempo de estudos em Tréveris, Alemanha, na escola de São Maximino, recolheu-se a uma vida solitária nas margens do Rio Mosela.

14. VI Domingo do Tempo Comum.

São Cirilo, monge (†869) e **São Metódio**, Bispo (†885).

São João Batista da Conceição, presbítero (†1613). Religioso Trinitário, possuidor de vasta cultura e dons de oratória. Arrepentido das vaidades que os aplausos lhe trouxeram, retirou-se ao mosteiro de Valdepeñas, Espanha, onde iniciou a reforma de sua Ordem.

15. Beato Miguel Sopocho, presbítero (†1975). Confessor de Santa Faustina Kowalska, grande propaga-

dor da devoção à Divina Misericórdia. Fundou a Congregação das Irmãs de Jesus Misericordioso.

16. São Maruta, Bispo (†cerca de 415). Presidiu o Concílio de Selêucia e reconstruiu os templos destruídos durante a perseguição do rei persa Sapor. Recolheu as relíquias dos mártires da Pérsia para serem veneradas na cidade de sua sede episcopal, que passou a chamar-se Martirópolis.

17. Quarta-feira de Cinzas.

Sete Santos Fundadores dos Servitas.

Santo Evermodo, Bispo (†1178). Religioso premonstratense, discípulo de São Norberto, enviado à Alemanha como missionário. Eleito Bispo de Ratzenburg, dedicou-se à evangelização dos vênedos, estabelecidos nas margens do Vístula.

18. Beato João de Fiesole, presbítero (†1455). Pintor e religioso dominicano, mais conhecido por Fra Angelico. Alma profundamente

contemplativa, nunca tomava o pincel sem antes fazer uma oração.

19. São Mansueto, Bispo (†cerca de 680). Em sua diocese de Milão, lutou afincadamente para exterminar a heresia monotelista.

20. São Serapião, mártir (†cerca de 248). Sofreu atrozes suplícios antes de ser morto, em Alexandria, durante as perseguições do Imperador Décio.

21. I Domingo da Quaresma.

São Pedro Damião, Bispo e doutor da Igreja (†1072).

Santo Eustásio, Bispo (†cerca de 338). Bispo de Antioquia exilado pelo Imperador ariano Constâncio, pelo fato de ter defendido a verdadeira Fé.

22. Cátedra de São Pedro.

Santa Margarida de Cortona, penitente (†1297). Aos 18 anos, abandonou a casa paterna para viver com um jovem rico. Após a morte repentina deste, arrependeu-se e, depois de muitas provas, foi admitida na Ordem Terceira Franciscana. Lavorou numa vida de penitência e contemplação as máculas de sua juventude.

23. São Policarpo, Bispo e mártir (†cerca de 155).

Santa Milburga, virgem (†cerca de 722). Filha do rei Merewald de Mercia, na atual Inglaterra. Abandonou as riquezas mundanas, abraçou a vida religiosa e fundou o mosteiro de Wenlock, do qual foi abadessa.

24. Beato Constâncio Servoli de Fabriano, presbítero (†1481). Religioso do convento dominicano de



© Santiebeati.it

Beata Eusébia Palomino Yenes

Fabriano, Itália, distinguiu-se pela sua austeridade de vida e empenho em promover a paz.

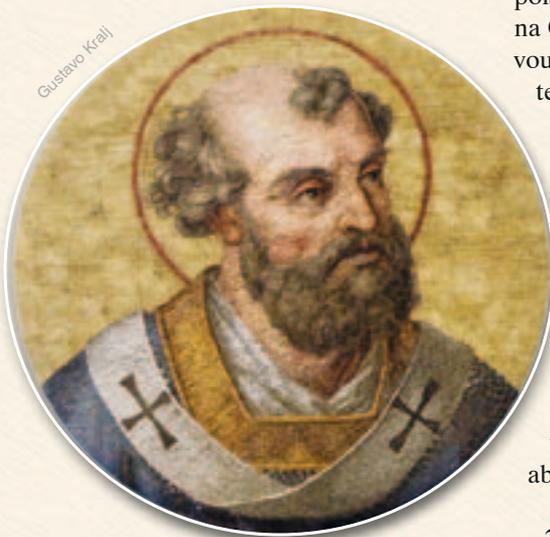
25. São Cesáreo, médico (†369). Embora filho de fervorosos cristãos e irmão de São Gregório Nazianzeno, permaneceu grande parte de sua vida como pagão. Foi médico de vários imperadores, em Constantinopla. Tendo escapado miraculosamente de um terremoto, pediu o Batismo e fez penitência até o fim de sua vida.

26. Beato Roberto Drury, presbítero e mártir (†1607). Falsamente acusado de conspiração contra o rei Jaime I, sofreu por Cristo o suplício do patíbulo em Tyburn, Inglaterra.

27. São Gregório de Narek, monge (†cerca de 1005). Doutor da Igreja armênia, insigne pela doutrina, pelos escritos e pela ciência mística.

28. II Domingo da Quaresma.

Santo Hilário, Papa (†468). Sucedeu a São Leão Magno e prosseguiu com energia a defesa da ortodoxia e da disciplina eclesial. Confirmou os concílios de Niceia, de Éfeso e de Calcedônia, colocando em evidência o primado da Sé de Roma.



Gustavo Krahl

Santo Hilário, Papa - Basílica de São Paulo Extramuros, Roma

Um exército para depois da morte

Em seu silêncio milenar e misterioso, os 7 mil guerreiros de terracota do imperador Qin Shi Huang parecem sugerir-nos que, ante a inexorável chegada da morte e do Juízo de Deus, de nada vale o mais poderoso dos exércitos.



Gustavo Adolfo Kralj

Em 1974, as férteis terras de Xi'an, na China, revelaram ao mundo um espetacular segredo guardado por mais de dois milênios: quando cavavam um poço de irrigação, alguns camponeses descobriram uma misteriosa cabeça belamente trabalhada em cerâmica. Escavações feitas nos meses consecutivos trouxeram à tona, um após outro, numerosos soldados de terracota minuciosamente talhados, dispostos em perfeita ordem de batalha.

Os atônitos arqueólogos constatarem que se tratava de uma “força militar” composta de vários milha-

res de estátuas, criada para servir de guarda ao fundador do Império Chinês... no outro mundo!

Um imperador insaciável de poder e de glória

Narram as crônicas que o imperador Qin Shi Huang subiu ao poder em 246 a.C., com apenas 13 anos de idade. Qin passou o resto de sua vida em combates, empenhado em unificar boa parte do que constitui a China atual. Senhor da guerra, estrategista inflexível e cruel, esmagou com suas tropas os exércitos de seis países adversários. Administrador eficiente e capaz, padronizou moe-

das, pesos e medidas, construiu incontáveis estradas e chegou inclusive a idealizar o primeiro esboço da Grande Muralha da China.

Entretanto, insatisfeito com suas magníficas realizações, Qin desejava mais ainda: construir um segundo império... para depois de sua morte. Preparou para isso cuidadosamente, durante anos, tudo quando deveria acompanhá-lo em sua viagem para a eternidade.

Assim, seu túmulo foi guardado por uma das mais belicosas “cortes” da História, composta de 7 mil guerreiros e súditos: generais, arqueiros, soldados de infantaria e cavalaria,

Uma maquete da exposição mostra como era modelado cada um dos guerreiros





Gustavo Kraji

músicos, dançarinos, magistrados e até acrobatas... todos modelados em terracota.

Para formar essa multidão, foram necessários 36 anos e um contingente de 700 mil trabalhadores, pois os traços da fisionomia, do penteado e das vestimentas de cada indivíduo foram reproduzidos com tal exatidão que parece não haver duas figuras iguais nesse exército de terracota. É uma diversidade tal que surpreende e maravilha os arqueólogos.

Inanidade das coisas deste mundo

Em seus perenes ensinamentos, o Livro do Eclesiastes contém algu-

mas das mais belas e sábias páginas já escritas sobre a inanidade das coisas deste mundo e os ilusórios frutos do esforço humano.

Vanitas vanitatum, dixit Ecclesiastes, vanitas vanitatum et omnia vanitas (Vaidade das vaidades, diz o Eclesiastes, vaidade das vaidades! Tudo é vaidade), lê-se já nas primeiras linhas desse Livro (Ecl 1, 2). Pois ante o irresistível avanço do tempo, que são os prazeres, as propriedades, as riquezas, os títulos, as dignidades e as honrarias? Por si sós, eles não passam de terra e poeira, estultice e loucura, destinadas a perecer nos

escuras domínios do olvido e da morte.

Ante a soberana e majestosa figura da eternidade, prestígio e poderes terrenos, fama e glórias humanas, evaporam-se fugazes, tal como a névoa matutina se evanesce sob os raios do sol. *Sic transit gloria mundi* (Assim passa a glória do mundo), sentenciavam os antigos.

Em seu silêncio milenar e misterioso, o imperador Qin Shi Huang e seus 7 mil guerreiros de terracota parecem sugerir-nos que, ante a inexorável chegada da morte e do Juízo de Deus, de nada vale o mais poderoso dos exércitos... ✧

A convite do National Geographic Museum, de Washington (EUA), os enviados da Revista *Arautos do Evangelho* compareceram à abertura da exposição que recebeu o sugestivo título de *Guerreiros de terracota: guardiões do Primeiro Imperador da China*. Inaugurada em novembro, ela permanece-

rá aberta até março próximo, apresentando aos visitantes objetos do Mausoléu de Qin, além de quinze dos afamados guerreiros que, integrantes de um exército formado para depois da morte, constituem uma das mais importantes descobertas arqueológicas do século XX.

"Nossa Senhora com o Menino Jesus" - Igreja de Las Rozas, Madri



Porque o mundo era indigno, diz Santo Agostinho, de receber o Filho de Deus diretamente das mãos do Pai, Ele O deu a Maria a fim de que o mundo O recebesse por meio d'Ela.

(São Luís Maria Grignion de Montfort)